



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

869.8

Q4

1875

A 466967

PROPERTY OF

*The  
University of  
Michigan  
Libraries*

1817

---

ARTES SCIENTIA VERITAS

---





à Monsieur  
le baron de Maynard.

offert par

l'auteur.

## ODES MODERNAS





ODES  
MODERNAS

POR

ANTHERO DE QUENTAL

---

SEGUNDA EDIÇÃO

CONTENDO VARIAS COMPOSIÇÕES INEDITAS

---

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

—  
PORTO.

EUGENIO CHARDRON

—  
BRAGA

—  
1875

861.8  
Q4  
1875

---

**PORTO**

**TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TELXEIRA**

**62, Rua da Cancellia Velha, 62**

—  
**1875**

63-358649



Allein im Innern leuchtet helles Licht.

GÖTTE : *Faust*.

I

Pantheismo

I

Aspiração... desejo aberto todo  
N'uma ancia insoffrida e mysteriosa...  
A isto chamo eu vida: e, d'este modo,

Que mais importa a fórma? silenciosa  
Uma mesmã alma aspira á luz e ao espaço  
Em homem igualmente e astro e rosa!

A propria fera, cujo incerto passo  
Lá vaga nos algares da deveza,  
Por certo entrevê Deus — seu olho baço

Foi feito para vêr brilho e belleza...  
E se rugge, é que a agita surdamente  
Tua alma turva, ó grande natureza!

Sim, no rugido ha uma vida ardente,  
Uma energia intima, tão santa  
Como a que faz trinar a ave innocente...

Ha um desejo intenso, que alevanta  
Ao mesmo tempo o coração ferino,  
E o do ingenuo cantor que nos encanta...

Impulso universal! forte e divino,  
Aonde quer que irrompa! e bello e augusto,  
Quer se equilibre em paz no mudo hymno

Dos astros immortaes, quer no robusto  
Seio do mar tumultuando brade,  
Com um furor que se domina a custo;

Quer durma na fatal obscuridade  
Da massa inerte, quer na mente humana  
*Sereno ascenda á luz da liberdade...*

---

É sempre a eterna vida, que dimana  
Do centro universal, do fóco intenso,  
Que ora brilha sem véos, ora se empana...

É sempre o eterno germen, que suspenso  
No oceano do Ser, em turbilhões  
De ardor e luz, evolue, infimo e immenso!

Através de mil fórmãs, mil visões,  
O universal espirito palpita  
Subindo na espiral das creações!

Ó fórmãs! vidas! mysteriosa escripta  
Do poema indecifrável que na Terra  
Faz de sombras e luz a Alma infinita!

Surgi, por céo, por mar, por valle e serra!  
Rolai, ondas sem praia, confundindo  
A paz eterna com a eterna guerra!

Rasgando o seio immenso, ide sabindo  
Do fundo tenebroso do Possível,  
Onde as fórmãs do Ser se estão fundindo...

Abre teu calix, rosa immarcessivel!  
Rocha, deixa banhar-te a onda clara!  
Ergue tu, aguia, o vôo inaccessible!

Ide! cresci sem medo! não é avára  
A alma eterna que em vós anda e palpita...  
Onda, que vai e vem e nunca pára!

Em toda a fórma o Espirito se agita!  
O immovel é um deus, que está sonhando  
Com não sei que visão vaga, infinita...

Semeador de mundos, vai andando  
E a cada passo uma seara basta  
De vidas sob os pés lhe vem brotando!

Essencia tenebrosa e pura... casta  
E todavia ardente... eterno alento!  
Teu sopro é que fecunda a esphera vasta...  
Choras na voz do mar... cantas no vento...



## II

Porque o vento, sabe-o, é prégador  
Que através das soidões vai missionando  
A eterna Lei do universal Amor.

Ouve-o rugir por essas praias, quando,  
Feito tufão, se atira das montanhas,  
Como um negro Titan, e vem bradando...

Que immensa voz! que prédicas estranhas!  
E como freme com terrível vida  
A aza que o libra em extensões tamanhas!

Ah! quando em pé no monte, e a face erguida  
Para a banda do mar, escuto o vento  
Que passa sobre mim a toda a brida,

Como o entendo então! e como attento  
Lhe escuto o largo canto! e, sob o canto,  
Que profundo e sublime pensamento!

Eil-o, o Anciã-dos-dias! eil-o, o Santo,  
Que já na solidão passava orando,  
Quando inda o mundo era negrume e espanto!

Quando as fórmas o orbe tenteando  
Mal se sustinha e, incerto, se inclinava  
Para o lado do abysmo, vacillando;

Quando a Força, indecisa, se enroscava  
Às espiraes do Chãos, longamente,  
Da confusão primeira ainda escrava;

Já elle era então livre! e rijamente  
Sacudia o Universo, que acordasse...  
Já dominava o espaço, omnipotente!

Elle viu o Principio. A quanto nasce  
Sabe o segredo, o germen mysterioso.  
Encarou o Inconsciente face a face,  
Quando a Luz fecundou o Tenebroso.

## III

Fecundou!... Se eu nas mãos tomo um punhado  
Da poeira do chão, da triste areia,  
E interrogo os arcanos do seu fado,

O pó cresce ante mim... engrossa... alteia...  
E, com pasmo, nas mãos vejo que tenho  
Um espirito! o pó tornou-se idéa!

Ó profunda visão! mysterio estranho!  
Ha quem habita alli, e mudo e quedo  
Invisivel está... sendo tamanho!

Espera a hora de surgir sem medo,  
Quando o deus encoberto se revele  
Com a palavra do immortal segredo!

Surgir! surgir! — é a ancia que os impelle  
À quantos vão na estrada do infinito  
Erguendo a pasmosissima Babel!

Surgir! ser astro e flôr! onda e granito!  
Luz e sombra! attracção e pensamento!  
*Um mesmo nome em tudo está escripto—*  
.....  
Eis quanto me ensinou a voz do vento.

1865—1874.

## II

## A Historia

## I

.....  
Mas o Homem, se é certo que o conduz,  
Por entre as cerrações do seu destino,  
Não sei que mão feita d'amor e luz  
Lá para as bandas d'um porvir divino...  
Se, desde Prometheu até Jesus,  
O fazem ir — estranho peregrino,  
O Homem, tentando a grossa treva,  
Vai... mas ignora sempre quem o leva!

Elle não sabe o nome de seus Fados,  
Nem vê de frente a face do seu guia.  
Onde o levam os deuses indignados?...  
Isto só lhe escurece a luz do dia!  
Por isso verga ao peso dos cuidados;  
Duvida e cahe, luctando em agonia:  
E, se lhe é dado que supplique e adore,  
Tambem é justo que blaspheme e chore!

Já que vamos, é bom saber aonde...  
O grão de pó, que o simoun levanta,  
E leva pelo ar e envolve e esconde,  
Tambem, no turbilhão, se agita e espanta,  
Tambem pergunta aonde vai e d'onde.  
O traz a tempestade que o quebranta...  
E o homem, bago d'agua pequenino,  
Tambem tem voz na onda do destino!

Porque os evos, rolando, nos lançaram  
Sobre a praia dos tempos, esquecidos,  
E, naufragos d'uma hora, nos deixaram  
Postos ao ar, sem tecto e sem vestidos.  
Estamos. Mas que ventos nos deitaram  
E com que fim, aqui, meio partidos,  
Se um Acaso, se Lei nos céos escripta...  
Eis o que a mente humana em vão agita!

Ó areias da praia, ó rochas duras,  
Que tambem prisioneiras aqui estaes!  
Entendeis vós acaso estas escuras  
Razões da sorte, surda a nossos ais?  
Sabel-as tu, ó mar, que te torturas  
No teu carcere immenso? e, aguas, que andaes  
Em volta aos sorvedouros que vos somem,  
Sabeis vós o que faz aqui o Homem?

Fronte que banha a luz — e olhar que fita  
Quanta belleza a immensidão rodeia!  
Da geração dos seres infinita  
Mais pura fórmula e mais perfeita idéa!  
No vasto seio um mundo se lhe agita...  
E um sol, um firmamento se incendeia  
Quando, ao clarão da alma, em movimento  
Volve os astros do céu do pensamento!

E, emtanto, ó largo mundo, que domina  
Seu espirito immenso! elle é mesquinho  
Mais que a ave desvalida e pequenina,  
A que o vento desfez o estreito ninho!  
Quanto mais vê da esphera crystallina  
Mais deseja, mais sente o agudo espinho...  
E o circulo de luz da alma pura  
É um cárcere, apenas, de tortura!

Um sonho gigantesco de belleza  
E uma ancia de ventura o faz na vida  
Caminhar, como um ebrio, na incerteza  
Do destino e da Terra-promettida...  
Sorri-lhe o céu de cima, e a natureza  
Em volta é como amante appetecida —  
Elle porém, sombrio entre os abrolhos,  
Segue os passos do sonho... e fecha os olhos!

Fecha os olhos... que os passos da visão  
Não deixam mais vestigios do que o vento!  
Tu, que vaes, se te soffre o coração  
Virar-te para traz... pára um momento...  
Dos desejos, das vidas, n'esse chão  
Que resta? que espantoso monumento?  
Um punhado de cinzas — toda a gloria  
Do sonho humano que se chama Historia. —



## II

Oh! a Historia! A Penelope sombria,  
Que leva as noites desmanchando a teia  
Que suas mãos urdiram todo o dia!  
O alchimista fatal, que toma a Idéa,  
E, nas combinações da atroz magia,  
Só extrahe Pó! A funebre Medêa  
Que das flôres de luz do coração  
Compõe seu negro philtro — a confusão!

Eis do trabalho secular das raças,  
Das dôres, dos combates, das confianças,  
Quanto resta a final... cinzas escassas!  
O tédio sobre o céo das esperanças  
Suas nuvens soprou! E odios, desgraças,  
Desesperos, miserias e vinganças,  
Eis a bella seara d'ouro erguida  
Do chão, onde illusões semeia a vida!

Os cultos com fragor rolam partidos;  
E em seu altar os deuses cambaleiam;  
E dos heroes os ossos esquecidos  
Nem um palmo, sequer, do chão se alteiam!  
Os nossos Immutaveis eil-os idos  
Como as chammas no monte, que se ateiam  
Na urze secca e a arage ergue um momento,  
E uma hora após são cinza... e leva o vento!

Ó duração de sonhos! fortalezas  
De fumo! rochas de illusão a rodos!  
Que é dos santos, dos altos, das grandezas,  
Que inda ha cem annos adorámos todos?  
As verdades, as biblias, as certezas?  
Limites, fórmãs, consagrados modos?  
O que temos de eterno e sem enganos,  
Deus — não póde durar mais que alguns annos!

Thronos, religiões, imperios, usos...  
Oh que nuvens de pó alevantadas!  
Castellos de neveiro tão confusos!  
Ondas umas sobre outras conglobadas!  
Que longes que não tem estes abusos  
Da fórmula! Troias em papel pintadas!  
Babylonias de nevoa, que uma aragem,  
Roçando, abala e lança na voragem!

---

Sobre alicerces d'ar as sociedades  
Como sobre uma rocha tem assento...  
E os cultos, as crenças, as verdades  
Alli crescem, lá têm seu fundamento...  
Ó grandes torreões, templos, cidades,  
Babeis de orgulho e força... sopra o vento  
Sobre os pés do gigante que se eleva...  
E era d'ar essa base... e o vento a leva!

E o vento a dispersou! Elle é seguro  
O *Forte da illusão*... mas se a primeira  
Rajada o céu mandou, pedras do muro,  
Não rolam mais que vós os grãos na eira!  
Vê-se então a alma humana, pelo escuro,  
No turbilhão que arrasta essa poeira  
Ruir também, desfeita e em pó tornada,  
Té que se esvae... té que a sumiu o nada!

## III

E isto no meio do infinito espaço!  
Dos soes! dos mundos! sala de fulgores!  
Isto no chão da vida... e a cada passo  
Rebentam sob os pés cantos e flôres!  
Quando abre a Natureza o seu regaço,  
E o seio da Mulher os seus amores!  
E tem beijos a noite... e o dia festas...  
E o mar suspira... e cantam as florestas...

Por cima o céu que ri... e em baixo o pranto...  
Harmonias em volta... e dentro a guerra...  
Dentro do peito humano, o templo santo,  
O vivo altar onde commungue a terra!  
Vêde! habita no altar o horror e o espanto,  
E a Arca-de-amor só podridão encerra!  
Que espantosa illusão, que desatino,  
*Ó luz do céu!* é pois este destino?

Os montes não entendem estas cousas!  
Estão, de longe, a olhar nossas cidades,  
Pasmados com as luctas furiosas  
Que os turbilhões, chamados sociedades,  
Lhes revolvem aos pés! Vertiginosas  
No mar humano as ondas das idades  
Passam, rolam bramindo — elles, emtanto,  
Com o vento erguem ao céu sereno canto!

Às vezes, através das cordilheiras,  
Com ruído de gelos despregados,  
Um exercito passa, e as derradeiras  
Notas da guerra echoam nos vallados...  
Então ha novas vozes nas pedreiras,  
E as boccas dos vulcões mal apagados,  
De monte em monte, em echos vagarosos,  
Perguntam — onde vão estes furiosos? —

Sim, montes! onde vamos? onde vamos,  
+ Que a criação, em volta a nós pasmada,  
Emmudece de espanto, se passamos  
Em novellos de pó sobre essa estrada?...  
As aguias do rochedo, e a flôr, e os ramos,  
E a noite escura, e as luzes da alvorada,  
Perguntam que destinos nos consomem...  
E os astros dizem — onde vai o Homem? —

Porque o mundo, tão grande, é um infante  
Que adormece entre cantos noite e dia,  
Embalado no ether radiante,  
Todo em sonhos de luz e de harmonia!  
O forte Mar (e mais é um gigante)  
Tambem tem paz e coros de alegria...  
E o céu, com ser immenso, é serenado  
Como um seio de heroe, vasto e pausado.

Quanto de grande ha ahi dorme e socega :  
Tudo tem sua lei onde adormece :  
Tudo, que póde olhar, os olhos prega  
N'algun Iris d'amor que lhe alvorece...  
Só nós, só nós, a raça triste e cega,  
Que a tres palmos do chão nem apparece,  
Só nós somos delirio e confusão,  
Só nós temos por nome *turbilhão!*

Turbilhão — de Desejos insoffridos,  
Que o sopro do Impossivel precipita!  
Turbilhão — de Ideaes, lumes erguidos  
Em fragil lenho, que onda eterna agita!  
Turbilhão — de Nações, heroes feridos  
Em tragedia enredada e infinita!  
Tropel de Reis sem fé, que se espedaça!  
Tropel de deuses vãos, que o nada abraça!

Ha n'isto quanto baste para morte...  
Para fechar os olhos sobre a vida  
Eternamente, abandonando á sorte  
A palma da victoria dolorida!  
Ha quanto baste por que já se corte  
A amarra do destino, emfim partida,  
Com um grito de dôr, que leve o vento  
Onde quizer — *a morte e o esquecimento!*

## IV

Mas que alma é a tua então, Homem, se ainda  
Pódes dormir o sonho da esperança,  
Em quanto a mão da crueldade infinda  
Teu leito te sacode e te balança?  
Que fada amiga, que visão tão linda  
Te enlaça e prende na dourada trança,  
Que não ouves, não vês o negro bando  
Dos lobos em redor de ti uivando?

E persistes na vida... e a vida ingrata  
Foge a teus braços tremulos de amante!  
E abençôas a Deus... Deus que te mata  
Tua esperança e luz, a cada instante!  
Que thesouro de fé (que ouro nem prata  
Não podem igualar, nem diamante)  
É teu peito, que doura as negras lousas...  
E crês no céu... e amal-o ainda ousas?

Passam ás vezes umas luzes vagas  
No meio d'esta noite tenebrosa...  
Na longa praia, entre o rugir das vagas,  
Transparece uma fôrma luminosa...  
A alma inclina-se, então, por sobre as fragas,  
A espreitar essa aurora duvidosa...  
Se é d'um mundo melhor a prophacia,  
Ou apenas das ondas a ardentia.

Sahe do cadinho horrivel das torturas,  
Onde se estorce e lucta a alma humana,  
Uma voz que atravessa essas alturas  
Com vôo d'aguia e força soberana!  
O que ha-de ser? que verbo d'amarguras?  
Que blasphemia a essa sorte deshumana?  
Que grito d'odio e sêde de vingança?...  
*Uma benção a Deus! uma esperança!*



Rasga d'entre os tormentos a esperança...  
Dos corações partidos nasce um lirio...  
Ó victoria do Amor, da confiança,  
Sobre a Dôr, que se estorce em seu delirio!...  
A mente do homem, essa, não se cança...  
Sob o açoute, no circo, no martyrio...  
E o escravo, sem pão, lar nem cidade,  
Crê... sonha um culto, um Deus — a Liberdade!

Flôr com sangue regada... e linda e pura!  
Olho de cego... que adivinha a aurora!  
Oh! mysterio do amor! que é formosura  
Exceda muito o feio... quando chora!  
Vêde, ó astros do céu, o que a tortura  
Espreme da alma triste, em cada hora...  
O Ideal — que em peito escuro medra,  
Bem como a flôr do musgo sobre a pedra!

Por que se soffre é que se espera... e tanto  
Que as dôres são os nossos diademas.  
O olhar do homem que supplica é santo  
Mais que os lumes do céu, divinas gemmas.  
Desgraças o que são? o que é o pranto?  
Se a flôr da Fé nas solidões extremas  
Brotar, e a crença bafejar a vida...  
É nossa, é nossa a Terra-promettida!

## V

Ó Ideal! se é certo o que nos dizem,  
Que é para ti que vamos, n'este escuro...  
Se os que luctam e choram e maldizem  
Hão-de inda abençoar-te no futuro...  
Se ha-de o mal renegar-se, e se desdizem  
Ainda os Fados seu tremendo auguro...  
E um dia havemos vêr, cheios d'espanto,  
Deus descobrir-se d'este negro manto...

Se o Destino impassivel ha-de, uma hora,  
Descruzar os seus braços sobre o mundo,  
E a sua mão rasgar os véos da aurora,  
Que, alfim, luza tambem no nosso fundo...  
Se ha-de seccar seu pranto o olhar que chora,  
E exultar inda o insecto mais immundo,  
Mostrando o céo, á luz d'estranho dia,  
As constellações novas da Harmonia...

Ah! que se espera então? O sangue corre,  
Corre em ribeiras sobre a terra dura...  
Não ha já fonte, n'esse chão, que jorre  
Senão lagrimas, dôr, e desventura...  
O ultimo lirio, a Fé, seccou-se... morre!...  
Se não é esta a hora da ventura,  
Do resgate final dos padecentes,  
Por que esperaes então, céos inclementes?

Sim! por que é que esperaes? Tem-se soffrido,  
Temos soffrido muito, muito! e agora  
Desceu o fel ao coração descrido,  
Vem já bem perto nossa extrema hora...  
Abale-se o universo commovido!  
Deixe o céu radiar a nova aurora!  
Que os peitos soltem o seu longo *emfim!*  
E o olhar de Deus na terra escreva: Fim!

Fim d'esta provação, fim do tormento,  
Mas da verdade, mas do bem, *começo!*  
Erga-se o homem, atirando ao vento  
O antigo Mal, com tragico arremesso!  
Na nossa tenda tome Deus assento,  
Mostre seus cofres, seus coraes de preço,  
Que se veja a final quanto guardava  
Para o resgate d'esta raça escrava!

Escrava? escrava que já parte os ferros!  
Eu creio no destino das nações:  
Não se fez para dôr, para desterros,  
Esta ancia que nos ergue os corações!  
Hão-de ter fim um dia tantos erros!  
E do ninho das velhas illusões  
Ver-se-ha, com pasmo, erguer-se á immensidade  
A aguia esplendida e augusta da Verdade!

## VI

Se um dia chegaremos, nós, sedentos,  
A essa praia do eterno *mar-oceano*,  
Onde lavem seu corpo os pustulentos,  
E farte a sêde, enfim, o peito humano?  
Oh! diz-me o coração que estes tormentos  
Chegarão a acabar: e o nosso engano,  
Desfeito como nuvem que desanda,  
Deixará vêr o céu de banda a banda!

Felizes os que choram! alguma hora  
Seus prantos seccarão sobre seus rostos!  
Virá do céu, em meio d'uma aurora,  
Uma aguia que lhes leve os seus desgostos!  
Ha-de alegrar-se, então, o olhar que chora...  
E os pés de ferro dos tyrannos, postos  
Na terra, como torres, e firmados,  
Se verão, como palhas, levantados!

Os tyrannos sem conto — velhos cultos,  
Espectros que nos gelam com o abraço...  
E mais renascem quanto mais sepultos...  
E mais ardentes no maior cansaço...  
Visões d'antigos sonhos, cujos vultos  
Nos opprimem ainda o peito lasso...  
Da terra e céo bandidos orgulhosos,  
Os Reis sem fé e os Deuses enganosos!

O mal só d'elles vem — não vem do Homem.  
Vem dos tristes enganos, e não vem  
Da alma, que elles invadem e consomem,  
Espedaçando-a pelo mundo além!  
Mas que os desfaça o raio, mas que os tomem  
As auroras, um dia, e logo o Bem,  
Que encobria essa sombra movediça,  
Surgirá, como um astro de Justiça!

E, se cuidas que os vultos levantados  
Pela illusão antiga, em desabando,  
Hão-de deixar os céos despovoados  
E o mundo entre ruínas vacillando;  
Esforça! ergue teus olhos magoados!  
Verás que o horisonte, em se rásgando,  
É por que um céo maior nos mostre — e é nosso  
Esse céo e esse espaço! é tudo nosso!

É nosso quanto ha bello! A Natureza,  
Desde aonde atirou seu cacho a palma,  
Té lá onde escondidos na frieza  
Vegeta o musgo e se concentra a alma:  
Desde aonde se fecha da belleza  
A abobada sem fim — té onde a calma  
Eterna gera os mundos e as estrellas,  
E em nós o Empireo das idéas bellas!

Templo de crenças e d'amores puros!  
Communhão de verdade! onde não ha  
Bonzo á porta a estremar *fiéis* e *impuros*,  
Uns para a *luz...* e os outros para *cá...*  
Alli parecerão os mais escuros  
Brilhantes como a face de Jehová,  
Commungando no altar do coração  
No mesmo amor de pai e amor d'Irmão!

Amor d'Irmão! oh! este amor é dôce  
Como ambrosia e como um beijo casto!  
Orvalho santo, que chovido fosse,  
E o lirio absorve como ethereo pasto!...  
Diluvio suave, que nos toma posse  
Da vida e tudo, e que nos faz tão vasto  
O coração minguado... que admira  
Os sons que solta esta celeste lyra!

Só elle póde a ara sacrosanta  
Erguer, e um templo eterno para todos...  
Sim, um eterno templo e ara santa,  
Mas com mil cultos, mil diversos modos!  
Mil são os fructos, e é só uma a planta!  
Um coração, e mil desejos doudos!  
Mas dá lugar a todos a Cidade,  
Assente sobre a rocha da Igualdade.

É d'esse amor que eu fallo! e d'elle espero  
O dôce orvalho com que vá surgindo  
O triste lirio, que este solo austero  
Está entre urze e abrolhos encobrimdo.  
D'elle o resgate só será sincero...  
D'elle! do Amor!... em quanto vaes abrindo,  
Sobre o ninho onde choca a Unidade,  
As tuas azas d'aguia, ó Liberdade!



## III

## A Idéa

## I

Pois que os deuses antigos e os antigos  
Divinos sonhos por esse ar se somem...  
E á luz do altar-da-fé, em Templo ou Dolmen,  
A apagaram os ventos inimigos...

Pois que o Sinay se enubla, e os seus pascigos,  
Seccos á mingua d'agua, se consomem...  
E os prophetas d'outr'ora todos dormem,  
Esquecidos, em terra sem abrigos...

Pois que o céo se fechou, e já não desce  
Na escada de Jacob (na de Jesus!)  
Um só anjo que aceite a nossa prece...

É que o lirio da Fé já não renasce:  
Deus tapou com a mão a sua luz,  
E ante os homens velou a sua face!

## II

Pallido Christo, ó conductor divino!  
A custo agora a tua mão tão dôce  
Incerta nos conduz, como se fosse  
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do destino  
Na bocca dos oraculos seccou-se;  
E a luz da *sarça-ardente* dissipou-se  
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens — porque o mundo  
Desprendido rolou das mãos de Deus,  
Como uma cruz das mãos de um moribundo!

Porque já se não lê Seu nome escripto  
Entre os astros — e os astros, como atheus,  
Já não querem mais lei que o infinito!

## III

Força é pois ir buscar outro caminho!  
Lançar o arco de outra nova ponte  
Por onde a alma passe — e um alto monte  
Aonde se abra á luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,  
Ávante! é largo, immenso esse horizonte...  
Não, não se fecha o mundo! e além, defronte,  
E em toda a parte, ha luz, vida e carinho!

Ávante! os *mortos* ficarão sepultos...  
Mas os vivos que sigam — sacudindo,  
Como pó da estrada, os velhos cultos!

Dôce e brando era o seio de Jesus...  
Que importa? havemos de passar, seguindo,  
Se além do seio d'elle houver mais luz!

## IV

Conquista pois sósinho o teu Futuro,  
Já que os celestes guias te hão deixado,  
Sobre uma terra ignota abandonado,  
Homem — proscripto rei — mendigo escuro —

Se não tens que esperar do céo (tão puro  
Mas tão cruel!) e o coração magoado  
Sentes já de *illusões* desenganado,  
Das *illusões* do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica  
De uma vontade solitaria e altiva,  
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadêa...  
Prendendo a immensidade eterna e viva  
No circulo de luz da tua Idéa!

## V

Mas a Idéa quem é? quem foi que a viu,  
Jámais, a essa encoberta peregrina?  
Quem lhe beijou a sua mão divina?  
Com seu olhar de amor quem se vestiu?

Pallida imagem que a agua de algum rio,  
Reflectindo, levou... incerta e fina  
Luz que mal bruxulêa pequenina...  
Nuvem que trouxe o ar... e o ar sumiu...

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,  
Magros da febre de um sonhar profundo,  
Vós todos que a seguís n'esses espaços!

E, em tanto, ó alma triste, alma chorosa,  
Tu não tens outra amante em todo o mundo  
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

## VI

Outra amante não ha! não ha na vida  
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça...  
Nem balsamo mais dôce que adormeça  
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiva, ou se offereça erguida  
Como quem sabe amar e amar confessa...  
Quer nas nuvens se esconda ou appareça,  
Será sempre ella a *esposa-promettida!*

Nossos desejos para ti, ó fria,  
Se erguem bem como os braços do proscripto  
Para as bandas da patria, noite e dia...

Pódes fugir... nossa alma, delirante,  
Seguir-te-ha através do infinito,  
Até voltar contigo, triumphante!

## VII

noivado barbaro! o noivado  
e! aonde os céos, os céos ingentes  
leito de amor — tendo pendent  
ros por docel e cortinado!

odas do Desejo, embriagado  
entura, a final! visões ferventes  
quem nos braços vai de ideaes ardentes  
espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a phantasia  
No sonho das bellezas — lá, aonde  
A noite tem mais luz que o nosso dia,

Lá, no seio da eterna claridade,  
Aonde Deus á humana voz responde,  
É que te havemos abraçar, Verdade!

## VIII

Lá! Mas aonde é lá? Aonde? — Espera,  
Coração indomado! O céu, que ancêa  
A alma fiel, o céu, o céu da Idêa,  
Em vão o buscas n'essa immensa esphera!

O espaço é mudo — a immensidade austera  
Debalde noite e dia se incendêa...  
Em nenhum astro, em nenhum sol se altêa  
A rosa ideal da *eterna primavera!*

O Paraiso e o templo da Verdade,  
Ó mundos, astros, soes, constellações!  
Nenhum de vós o tem na immensidade...

A Idêa, o summo Bem, o Verbo, a Essencia,  
Só se revela aos homens e ás nações  
No céu incorruptivel da Consciencia!



## IV

## Pater

(A ABILIO GUERRA JUNQUEIRO)

## I

Já que os vejo passar assim altivos  
E cheios de vangloria, como quem  
Ao peito humano deu a luz que tem,  
E a nossos corações os lumes vivos;

Já que os vejo, assentados na cadeira  
Da prudencia, fallar com voz segura,  
Dar-se em adoração á gente escura  
E doutrinar d'alli á terra inteira;

Já que os vejo, co'a mão que *ata e desata*,  
Entre os homens partir o mundo todo  
E todo o céu — e dar a este o lodo,  
E áquelle o reino de saphira e prata;

Dizer a uns — fallai! e pôr na bocca  
Dos outros a mordança da doutrina;  
Dar a estes a espada de aço fina,  
E, *ao resto*, pôr-lhe á cinta a estriga e a roca;

Já que os vejo fazer a noite e o dia  
Com o abrir e fechar dos olhos baços;  
E pretender que o Sol lhes segue os passos,  
E em seus sermões aprende a harmonia;

Dispor do céu como de casa sua,  
A que pozessem Deus como porteiro;  
E receber com rosto prazenteiro  
Este — e áquelle deixal-o áhi na rua;

Eu quero perguntar aos Zoroastros  
Do pôr-do-sol, videntes do passado,  
Que medem, pelo rythmo compassado  
De seus passos, o gyro aos grandes astros:

---

Eu quero perguntar aos Sacerdotes,  
Que, chamando *rebanho* a seus irmãos,  
Cuidam que Deus lhes cabe em duas mãos,  
E todo o céu debaixo dos capotes :

Quero-os interrogar — porque, em verdade,  
Se saiba qual mais val, se o *pau* se a *cruz*?...  
Se o sol ao cirio deu a sua luz,  
Ou deu o cirio ao sol a claridade?...

Se a cupula do Céu teve modêlo  
Na cupula da Igreja? e se as estrellas,  
Para alcançar licença de ser bellas,  
Foram pedir a alguém o santo-sello?

Se foi Deus, quando o sol sahiu do abysmo,  
Que á luz do infinito o baptizou;  
Ou se algum bispo foi que o sustentou,  
Inda infante, nas fontes do baptismo?

Se ha quem tenha na terra monopolio  
Do cambio-livre, que se chama Idéa?  
Se a Verdade não vale um grão de arêa  
Sem que, antes, a baptise o santo-oleo?


Se terá mais commercio co'as estrellas  
O velho livro ou o novo coração?  
Quem vai mais perto — a fôrma ou a inspiração —  
Das grandes cousas e das cousas bellas?

Que, n'esta confusão, n'estas desordens,  
Se veja, emfim, bem claro, á luz dos céos,  
Se o Messias nasceu entre os Judeus,  
Ou se, quando nasceu, já tinha *ordens*?

Sim! que a final se saiba tudo isto,  
E se veja o caminho aonde vamos.  
Vêr e saber — para que em fim possamos  
Escolher entre o Padre e entre o Christo.

## II

*Padre?!* Padre... é o *Pai* — só — que nos cobre,  
E a todos com a mão afaga e amima,  
E em meio do caminho nos anima,  
E vai connosco — o que está *sob e sobre*.



O que escreve o Evangelho cada dia  
Em nossos corações — e em cada hora,  
A quanto olhar se eleva e mudo adora,  
Diz a eterna missa da Harmonia.

O que veste a estola do infinito  
Para deitar a grande benção — Vida —  
E reza, lendo em pagina fulgida,  
O que em letra de estrellas anda escripto.

É quanto d'elle falla — o livre oceano,  
O psalmista das vastas solidões;  
O que desenha a voz das orações  
Sobre a tela do côro soberano.

Padres, o mar e o céu — apostolando  
A Terra sempre crente e sempre nova:  
Um — que a força da crença lhe renova...  
O outro — o que está Deus sempre amostrando.

A aurora é o *sursum-corda* do Universo;  
A luz é *oremus*, por que é hostia o Sol;  
Quanto abre o olhar aos raios do arrebol  
Eis o povo-christão ahi disperso.

Quando as flôres, que se abrem, são espelhos...  
E a ervinha é berço, e berços os rosaes...  
Quando são as florestas cathedraes...  
Eis ahi outros tantos Evangelhos!

O cedro na montanha apostolisa;  
O vento préga ás livres solidões;  
As estrellas do céo são orações,  
E o amor, no coração, evangelisa!

O Amor! o evangelista soberano!  
Para quem não ha tarde nem aurora!  
O que sobe a prégar, a toda a hora,  
Ao pulpito-da-fé... o peito humano!

De dous raios de uns olhos bem-amados  
É que se faz a cruz que nos converte;  
E a palavra, que a crença ás almas verte,  
Faz-se essa de suspiros abafados.

Esse é o Confessor que absolve — e tem  
Sempre o perdão comsigo e a paz radiante...  
Ou n'uns labios bem tremulos de amante,  
Ou n'uns olhos bem humidos de mãi.

---

Homens, olhai — que o seio maternal,  
Em se abrindo, é o livro aonde Deus  
Escreve, com a luz que vem dos céos,  
A eterna Biblia, a unica immortal!

Cada labio de mãe escreve um psalmo  
Na frente do filhinho, em o beijando...  
Nem ha santo que tenha, radiando,  
Uma aureola assim de brilho calmo!

Esses são Padres — porque são os Paes —  
Os que do amor nos baptisaram na agua...  
Os que, inclinados sobre a nossa magoa,  
Bebem em nosso peito os nossos ais.

É tudo que tem voz que se ouça ao longe,  
E coração tamanho como a esphera:  
A voz do inverno e a voz da primavera...  
E a voz do peito humano... o grande *monge*.

Sim, monge! *triste e só* — porque o devora  
A vaga nostalgia do deserto;  
E vela a noite, e vai sempre desperto  
A olhar de que banda venha a aurora.


Padre... o Espirite! o que anda em nós—o auguro,  
Que n'alma traça o circulo divino;  
A Cumana, que em verso sibyllino  
Dicta aos homens os cantos de futuro.

Vós, Poetas, vós sois tambem sibyllas,  
Que adivinhaes e andaes com voz fremente  
Sempre a gritar — ávante! ávante! á gente,  
Por cidades, por montes e por villas.

Vós sois os prégadores do Ideal,  
Que lanças a *palavra* aos quatro ventos:  
A tribu de Levi, que em mil tormentos  
Guarda a Arca, dos filhos de Baal.

Sim, Padre! o poeta crente, que alevanta,  
Como hostias, as almas para os céos!  
O prégador, que falla, em quanto Deus  
Lhe arma de corações tribuna santa.

Os que na frente vão, bradando — áleria!  
Sentinellas perdidas do futuro...  
Os que o clarim do abysmo, pelo escuro,  
Faz em sonhos tremer, e emfim desperta.





A cohorte dos pallidos proscriptos,  
Que tem nos rostos estampada a fome;  
Que, em quanto o frio os roe e os consome,  
Trazem no coração deuses escriptos.

Os heroes que, com pulsos algemados,  
Vão ao mundo prégando a liberdade—  
Astros, a quem se nega a claridade...  
Nas trevas dos ergastulos cerrados.

Que — em quanto os pés na terra, em corrupio,  
Lhes fogem — impassiveis, firmes, altos,  
Meditam, sem temor nem sobresaltos,  
Riscando as sociedades no vazio.

Que — em quanto a *Lei* os tem em fundas covas,  
Como traidores, impíos, embusteiros —  
Sobre esse mesmo chão dos captiveiros  
Semeiam a seara das leis novas.

Os inventores, que, soltando ais,  
Deixam das mãos cahir obras gigantes;  
E riscam templos sobre os céos distantes...  
Assentados á porta de hospitaes!


Quem a estes lhes deu suas Missões  
Foi o alto Messias —soffrimento—  
Por que possam o Verbo, o pensamento,  
Abaixar sobre a fronte ás multidões.

Foi o Espirito, o fogo encandescente,  
Que os baptisou ao lume da Idéa,  
Por que possam pegar no grão de arêa,  
E mudal-o n'um astro reluzente...

Que elles fazem milagres —desde o espaço  
Galgado já e unificada a terra,  
Té aos irmãos, ha tanto tempo em guerra,  
Que, a final, já se estreitam n'um abraço:

Desde a lepra, dos corpos, e os abrolhos,  
Dos montes, arrancados... desde as flammas  
Tiradas ao trovão... té ás escamas  
Arrancadas aos *cegos* de seus olhos:

Elles fazem do mundo eucharistia,  
Onde vêm ter os povos communhão;  
E, do genio assoprando-lhe o clarão,  
Fazem da noite humana immenso dia.



Fazem nascer, por entre espinhos bravos,  
Flôres, a um lado, e ao outro lado, fructos;  
E os novos risos, dos antigos lutos,  
E a liberdade, em corações escravos!

Pois, se são operarios do futuro,  
Semeadores da seara nova,  
Que lançam uma idéa em cada cova,  
Da dura historia sobre o chão escuro;

Se vão na frente, e a bussola que os leva,  
Para o pólo de Deus se inclina e pende;  
Buscando o *continente* que se estende  
Além do soffrimento e além da treva;

Se a cada voz de guerra dizem — *basta!*  
Lançando-se entre os ferros dos irmãos;  
E exclamam — *ainda!* — pondo as mãos,  
A cada voz de amor serena e casta;

São os grandes prophetas da consciencia;  
Biblias que o povo com a mão folheia;  
Reveladores santos da Idéa,  
Que, em cada hora, vão furtando á Essencia:

São milicia sagrada — são cohortes  
Do céu, passando aqui — são missionarios  
Amostrando Jesus aos homens varios...  
Ajudam pois a Deus! são sacerdotes!

## III

Ahi tendes os *Padres!* que nos cobrem  
Nossas frentes do mal, e nos desvendam.  
Os olhos por que vejam, amem, entendam...  
Não os que o sol co'as capas nos encobrem!

A Igreja dera o Inferno ao triste *réo*.  
(Que beijo maternal! e que olhar terno!)  
Mas Dante, a pé enxuto, passa o Inferno,  
Para, chegando á porta, bradar *céo!*

Desde essa hora... *acabou!* abriu-se a porta!  
Os condemnados ruem para fóra!  
O que era multidão ainda agora...  
Tornou-se solidão deserta e morta.

Inda ás vezes os vemos ir na praça...  
Mas no labio morreu-lhes a *palavra!*  
O incendio agora de outra banda lavra...  
São como os restos de uma extincta raça.

Quando se ergue a um lado o olhar pasmado  
Das gentes, que já cuidam enxergar  
D'essa banda do céu Deus assomar...  
Heis de vêl-os olhar e opposto lado!

E quando as mães lhes vêm beijar os pés,  
Erguendo um filho, como um raio a estrella,  
Olhando o innocente e a mãe bella,  
Não têm mais benção do que *pulvis es!*

E, quando de uma amante o olhar velado  
Se encontra, acaso, com o seu, passando,  
Não tem aquelle espectro miserando  
Melhor saudação do que *peccado!*

Se o seculo se atira, como onda,  
À praia do futuro, nos espaços,  
Cuidaes acaso que lhe siga os passos?  
Não! o *mocho* não tem onde se esconda!

## IV

Porque, pois, traz da sombra ides correndo,  
Homens, que a *luz* no berço baptisára?  
Quando correis assim viraes a cara...  
Pelas costas o sol vos vem nascendo!

Ó vós!—se ides em busca da Verdade!—  
Olhai bem... que essa mão, que assim vos leva,  
Bem pôde ser que seja toda treva,  
Quando se acclama toda claridade!

## V

Quando a sêde nos secca o paladar,  
E o sol a pino o peito nos esmaga,  
Se enfim se chega á praia, junto á vaga,  
Quem hesita entre a arêa e entre o Mar?

.....  
.....  
.....  
.....

Deitai-vos a nadar, homens! e vêde  
Que a onda é que se chama liberdade!  
O Dogma é a arêa, apenas — a verdade  
É esse o Mar — que o Mar nos mate a sêde!

1864.





## V

## Vida

(A UNS POLITICOS)

Por que é que combateis? Dir-se-ha, ao vêr-vos,  
Que o Universo acaba aonde chegam  
Os muros da cidade, e nem ha vida  
Além da orbita onde as vossas giram,  
E além do Forum já não ha mais mundo!

Tal é o vosso ardor! tão cegos tendes  
Os olhos de mirar a propria sombra,  
Que dir-se-ha, vendo a força, as energias  
Da vossa vida toda, accumuladas

Sobre um só ponto, e a ancia, o ardente vórtice,  
Com que giraes em torno de vós mesmos,  
Que limitaes a terra á vossa sombra...  
Ou que a sombra vos toma a terra toda!  
Dir-se-ha que o oceano immenso e fundo e eterno,  
Que Deus ha dado aos homens, por que banhem  
O corpo todo, e nadem á vontade,  
E voguem a sabor, com todo o rumo,  
Com todo o norte e vento, vão e percam-se  
De vista, no horisonte sem limites...  
Dir-se-ha que o mar da vida é gota d'agua  
Escassa, que nas mãos vos ha cahido,  
De avara nuvem que fugiu, largando-a...  
Tamanho é o odio com que a uns e a outros  
A disputaes, temendo que não chegue!

Homens! para quem passa, arrebatado  
Na corrente da vida, n'essas aguas  
Sem limites, sem fundo—ha mais perigo  
De se afogar, que de morrer á sêde!

De que val disputar o espaço estreito,  
Que cobre a sombra da arvore da patria,  
Quando são vossos cinco continentes?  
De que val apinhar-se junto á fonte  
Que—fininha—brotou por entre as urzes,

Quando ha sete mil ondas por cada homem?  
De que val digladiar por uma fita,  
Que mal cobre um botão, quando estendida  
Deus poz sobre a cabeça de seus filhos  
A tenda, de ouro e azul, do firmamento?  
De que val concentrar-se a vida toda  
N'uma paixão apenas, quando o peito  
É tão rico, que basta dar-lhe um toque  
Por que brotem, aos mil, os sentimentos?!

Oh! a vida é um abysmo! mas fecundo!  
Mas immenso! tem luz — e luz que cegue,  
Inda a aguia de Páthmos — e tem sombras  
E tem negrumes, como o antigo Cháos:  
Tem harmonias, que parecem sonhos  
De algum anjo dormido; e tem horrores  
Que os nem sonha o delirio!

E immensa a vida,  
Homens! não disputeis um raio escasso,  
Que vem d'aquelle sol; a tenue nota,  
Que vos chega d'aquellas harmonias;  
A penumbra, que escapa áquellas sombras;  
O tremor, que vos vem d'esses horrores.  
Sol e sombras, horror e harmonias,  
De quem é isto, se não é do homem?!

Não disputeis, curvado o corpo todo,  
As migalhas da mesa do banquete:  
Erguei-vos! e tomai lugar á mesa...

Que ha lugar no banquete para todos:  
Que a vida não é atomo tenuissimo,  
Que um feliz apanhou, no ar, voando,  
E guardou para si, e os outros, pobres,  
Desherdados, invejam — é o ar todo,  
Que respiramos; e esse, inda mais livre,  
Que nos respira a alma — a terra firme,  
Onde pomos os pés, e o céu profundo  
Aonde o olhar erguemos — é o immenso,  
Que se infiltra do atomo ao colosso;  
Que se occultou aqui, e além se mostra;  
Que traz a luz dourada, e leva a treva;  
Que dá raiva ás paixões, e unge os seios  
Com o balsamo do amor; que ao vicio, ao crime,  
Agita, impelle, anima, e que á virtude  
Lá dá consolações — que beija as fronte  
De povo e rei, de nobre e de mendigo;  
E embala a flôr, e eleva as grandes vagas;  
Que tem lugar, no seio, para todos;  
Que está no rir, e está tambem nas lagrimas,  
E está na bacchanal como na prece!...

Eis a Vida! o festim que Deus, no mundo,  
Para os homens armou! para seus filhos!  
Fórma mais pura do Universo augusto!  
Da lyra universal nota mais alta!  
Do chão do infinito seara ardente!  
Quando os orbes de luz, que andam na altura,  
Sentem a face, ás vezes, ennublar-se  
E o seio lhes revolve intima magoa,  
É que n'essa hora uma ancia de venturas,  
De amor mais vasto, de mais bella fórma,  
Uma aspiração vaga os acommette...  
Pedem a Deus que estenda a mão piedosa  
E os erga a luz maior, á luz do espirito,  
E tem inveja ao homem, porque *vive!*  
Da arvore do Eterno pendem fructos,  
E fructos aos milhões — estrellas, astros,  
Fórmas e creações que nem se sonham —  
Mas só onde seus ramos se mergulham  
No espirito vital do infinito,  
Só onde o ar purissimo do Bello  
Lhe beija as franças ultimas — sómente  
Lá se abre o lirio augusto, o lirio unico,  
A flôr dos mundos, que se chama Vida!

Inundação de crenças... e diluvio  
De duvidas fataes! hymno de glorias...  
E rugido feroz! Se és fera, toma

A parte dos rugidos — e, se és homem,  
Ergue ao céu tua face, e entôa os hymnos!  
Se ha valor em teu peito, corta as aguas,  
Nadando, d'esse mar de infindas duvidas:  
Ergue-te, lucta, arqueja, precipita-te,  
Deixa as ondas lavar-te o corpo, ou dar-te  
A pancada da morte — mas sê homem!  
Sê grande sempre! e, ou Satan ou Anjo,  
Blasphema ou exulta... mas não desças nunca!

Porque descer é morte, é sombra, é nada!  
É a pedra que dorme: é lodo escuro  
Que sombrio fermenta! A alma, se é espirito,  
É por que á farta possa encher, crescendo,  
O espaço todo e todo o ar infindo!  
E, bella ou triste, horrivel ou sublime,  
Santa ou maldita, a vida é sempre *grande!*

Rocha por onde os tempos vão seguindo  
No caminho que os leva ao infinito...  
É tão vasta, que os seculos marchando  
Com passos de gigante, ha milhões de evos,  
Não poderam ainda vêr-lhe o termo,  
Não poderam gastal-a um pouco, apenas!  
É tão fundo esse mar, é tão fecundo,  
Que os homens todos, que ha milhões de seculos

Nascem da espuma e vem encher as praias,  
 Bebendo a longos tragos, não poderam  
 Fazel-o inda baixar, sequer um palmo!

.....  
 E não vos chega para vós? Os tempos  
 Deixaram cheia aquella taça immensa...  
 E estes tres homens já lhe vêem o fundo!  
 As idéas serenas e os combates  
 Da eterna liberdade; o amor e as luctas  
 E as dôres da verdade; as dôces lagrimas  
 E os rugidos altivos; o que os sabios  
 Nos ensinam, e quanto o olhar ingenuo  
 Da mulher nos revela — tudo, tudo,  
 Tudo isto, nos banquetes da existencia,  
 É um bocado apenas para a bocca  
 D'estes Titans immensos... de seis palmos!

.....

Porque é que combateis? O mundo é vasto!  
 Dá para todos — todos, no seu pano,  
 Podem talhar á farta e á larga um manto  
 Com que cobrir-se... e que inda arraste... É vasto!  
 Erguei sómente os olhos! alongai-os  
 Pelo horisonte! e, além d'esse horisonte,  
 Ha mil e mil como este!

Se vós tendes

O olhar fito nos pés, aonde a sombra

Em volta de vós mesmos gira apenas,  
 O que podeis saber d'esse Universo?!  
 Não ha olhos que contem tantos orbes!  
 E cada um d'esses mundos tem mil vidas!  
 E cada vida tem milhões de affectos,  
 De paixões, de energias, de desejos!  
 Cada peito é um céu de mil estrellas!  
 Cada ser tem mil seres! mil instantes!  
 E, em cada instante, as creações transformam-se!  
 E cousas novas a nascerem sempre!

Descei, descei o olhar ao proprio seio!  
 Como n'um espelho, esse Universo todo  
 Reflecte-se lá dentro! é como um chãos  
 Donde, ao *flat* ardente da vontade,  
 Podem surgir as creações aos centos.  
 Podeis tirar d'ahi a luz e a treva!  
 Podeis tirar o bem, e o mal, e o justo,  
 E o iniquo, e as paixões torvas da terra,  
 E os desejos do céu!

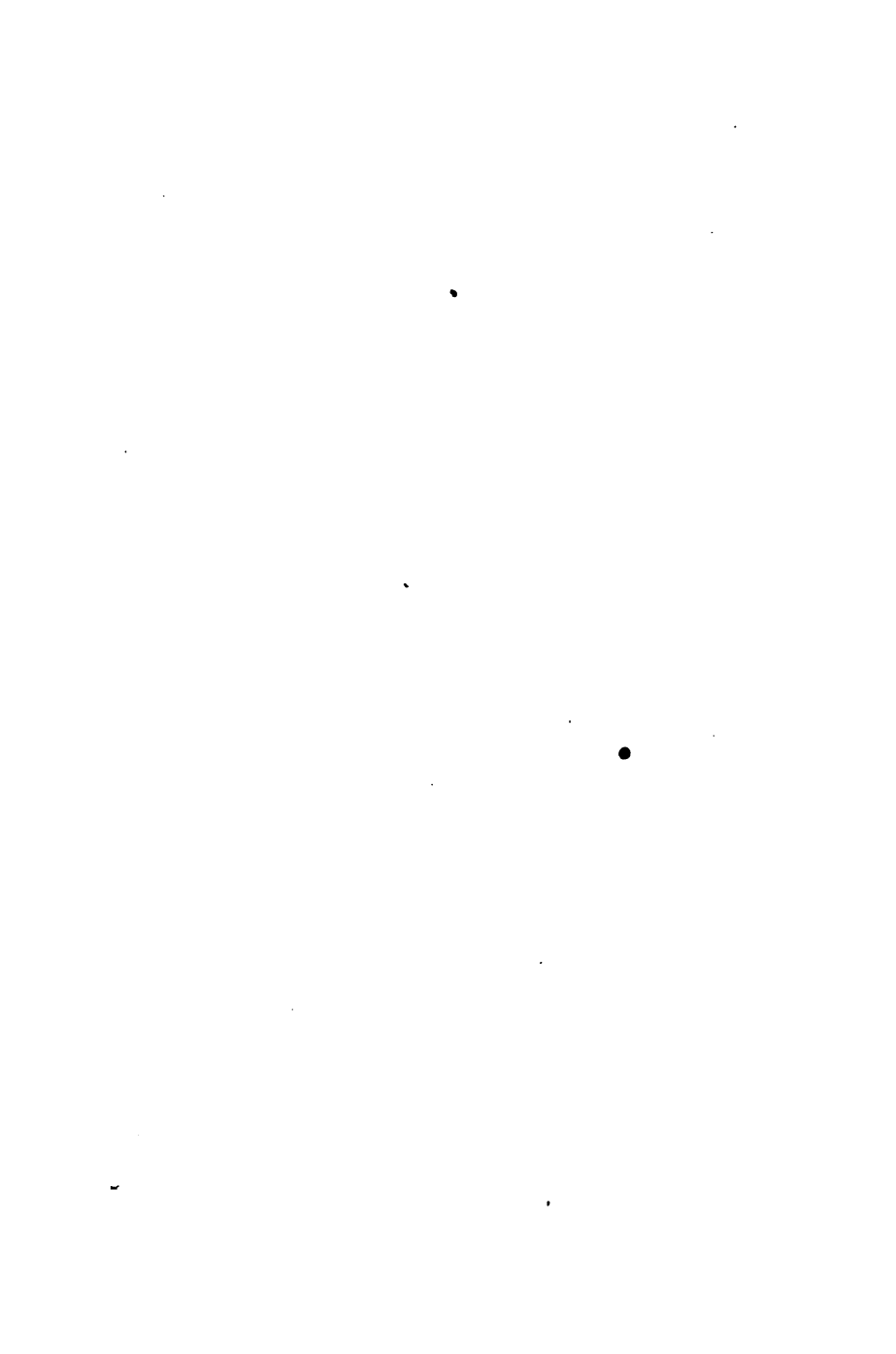
Pois não vos chega?

Assim queiraes viver, que ha muita vida!

.....



Alexandre! Alexandre! és tu que choras  
Não haver já mais mundo que conquistes...  
E sahes d'aqui, ó triste! sem ao menos  
Ter olhado uma vez dentro em tua alma!  
Alexandres inglorios! toda a terra  
Acabou, onde a vista vos alcança!  
Correis... correis... correis... atrás de um atomo...  
E ides deixando, ao lado, os universos!  
.....  
Mas vós não vedes nada d'isto! nada!  
E quereis aos homens ensinar a vida?!



## VI

## Dialogo

A cruz dizia á terra onde assentava,  
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo :  
—Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo  
Vive na dôr, e em lucta cega e brava?

Sempre em trabalho, condemnada escrava,  
Que fazes tu de grande e bom, comtudo?  
Resignada, és só lôdo informe e rudo;  
Revoltosa, és só fogo e horrida lava...

Mas a mim não ha alta e livre serra  
Que me possa igualar!... amor, firmeza,  
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz!... tu és tristeza,  
Ó lôdo escuro e vil! — Porém a terra  
Respondeu: Cruz, eu sou a natureza!



## VII

## Luz do sol, luz da razão

(RESPOSTA Á POESIA DE JOÃO DE DEUS, «LUZ DA FÉ»)

Tu, sol, é que me alegras!  
A mim e ao mundo. A mim...  
Que eu não sou mais que o mundo,  
Nem mais que o céu sem fim...

Nem fecho os olhos baços  
Só porque os fere a luz...  
Ergo-os a cima—e embora  
Cegue, recebo-a a flux!


Crepusculos são sonhos...  
E sonhos é morrer...  
Sonhar é para a noite:  
Mas para o dia, vêr !

Sim, vêr com os olhos ambos,  
Com ambos devassar  
Os astros n'essa altura,  
E os deuses sobre o altar!

Vêr onde os pés firmamos,  
E erguemos nossas mãos!  
E quer nos montes altos,  
Quer nos terrenos chãos,

É sempre amiga a terra  
E é sempre bom viver,  
Se a terra á luz da aurora  
E a vida ao amor se erguer!

Em toda a parte as ondas  
D'esse infinito mar,  
Por mais que andemos longe,  
Nos podem embalar!



---

Em toda a parte o peito  
Sente brotar a flux,  
E sempre e á farta, a vida...  
Vida — calor e luz!

Nos seixos d'essas praias,  
Se o sol lá lhes bater,  
N'um atomo de arêa,  
Deus pôde apparecer!

Bata-lhe o sol de chapa,  
E um deus se vê tambem  
No pó, tornado um astro  
Como esses que o céu tem!

Desprezos para a terra?!  
Tambem a terra é céu!  
Tambem no céu a impelle  
O amor que a suspendeu...

E quem lá d'esse espaço  
Brilhar ao longe a vir  
Dirá que é paraiso  
E um eden a sorrir!

*Em baixo!* o que é *em baixo?*  
Em baixo estar que tem?  
Ninguem á eterna sombra  
Nos condemnou! ninguem!

Se até nos surdos antros,  
Nas covas dos chacaes,  
Penetra o sol, vestindo-os  
Com raios triumphaes!

Se ao céo até se viram  
As boccas dos vulcões...  
E têm os proprios cegos  
Um céo... nos corações!

Não! não ha *céo e inferno*:  
Divino é quanto é!  
Para que a rocha brilhe,  
Basta que o sol lhe dê...

Basta que o sol lhe beije  
As chagas que ella tem,  
E a morta d'essa altura,  
A lua, é sol tambem!



---

E as trevas da nossa alma,  
A nossa cerração,  
Oh! como as desbarata  
A aurora da razão!

Mas se a razão, surgindo,  
Nossa alma esclareceu,  
Tambem tu, sol, no espaço  
Surges, razão do céu...

Por isso é que me alegras,  
Ó luz, o coração!  
Por isso vos estimo...  
Tu, sol, e tu, razão!



## VIII

*Et cælum et virtus*

(A JAYME BATALHA REIS)

Dizem prophetas, que esse céo perscrutam,  
Que, ás noites, entre as trevas condensadas,  
Se tem visto brilhar igneas espadas,  
Como d'anjos hostis que entre si luctam...

E dizem que, na orla do infinito,  
Entre os astros, se vê errar sem tino  
Um espectro que traz fulgor divino,  
Como o vulto d'um deus triste e proscripto...


Entre os soes passa o espectro gemebundo,  
Murmurando *morrámos!* aos soes vivos,  
E empana o brilho aos astros primitivos  
De sua bocca o alento moribundo...

Onde passou fez-se silencio e escuro.  
Seu manto sepulcral varre os espaços,  
E arrasta, entre os celestes estilhaços,  
A crença antiga e os germens do futuro!

Ó crença antiga! ó velho firmamento!  
Como as almas vacillam e baqueiam!  
E as lucidas pleiadas volteiam,  
Como a poeira que levanta o vento!

.....  
.....

Mas quando o largo céu da crença avita  
Desaba com fragor e espanto e treva,  
E a luz, a paz, a fé, tudo nos leva  
Nas ruínas da abobada infinita;



Quando um sopro fatal nos *deuses vivos*  
Toca e em cinzas desfaz seus frios vultos,  
E se ergue aquella voz cheia de insultos  
Que brada aos deuses pallidos: «sumi-vos!»

Homens de pouca fé! não tenhaes susto:  
Fecunda é essa treva e essa ruina...  
Palpita n'esse pó vida divina...  
Rebentam fontes do areal adusto...

Sim, podeis crêr, ó gente pouco calma:  
Não se aluiu no abysmo este universo,  
Se entre as cinzas de Deus e o pó disperso  
Ficou de pé, heroica e firme, uma alma!

Quem bem souber olhar verá no fundo  
D'essa alma forte outro infinito erguer-se...  
Em espaços ideaes verá mover-se  
Um Deus sem nome, ignoto ao velho mundo...

Verá, do interno cháos, constellada,  
Surgir criação nova e palpitante,  
Ao sôpro ardente, á voz clara e vibrante  
Do espirito de vida que alli brada...

Verá, por um céu novo, novos soes  
Que em novo firmamento o vôo desprendem;  
E astros de luz estranha, que se accendem  
Na consciencia estrellada dos heroes!

1870.



## IX

## Tentanda via

## I

Com que passo tremente se caminha  
Em busca dos destinos encobertos!  
Como se estão volvendo olhos incertos!  
Como esta geração marcha sósinha!

Fechado, em volta, o céu! o mar, escuro!  
A noite, longa! o dia, duvidoso!  
Vai o giro dos céos bem vagaroso...  
Vem longe ainda a *praia do futuro...*

É a grande incerteza, que se estende  
Sobre os destinos d'um porvir, que é treva...  
É o escuro terror de *quem* nos leva...  
O fructo horrivel que das almas pende!

A tristeza do tempo! o espectro mudo  
Que pela mão conduz... não sei aonde!  
—Quanto póde sorrir, tudo se esconde...  
Quanto póde pungir, mostra-se tudo.—

Não é a grande lucta, braço a braço,  
No chão da Patria, á clara luz da Historia...  
Nem o gladio de Cesar, nem a gloria...  
É um mixto de pavor e de cansaço!

Não é a lucta dos *trezentos bravos*,  
Que o solo amado beijam quando cahem...  
Crentes que traz um Deus, e á guerra sahem,  
Por não dormir no leito dos escravos...

É a lucta sem gloria! é ser vencido  
Por uma occulta, subita fraqueza!  
Um desalento, uma intima tristeza  
Que á morte leva... sem se ter vivido!



Não ha ahi pelejar... não ha combate...  
Nem ha já gloria no ficar prostrado —  
São os tristes suspiros do Passado  
Que se erguem d'esse chão, por toda a parte...

É a saudade, que nos róe e mina  
E gasta, como á pedra a gota d'agua...  
Depois, a compaixão, a intima magoa  
De olhar essa tristissima ruina...

Tristissimas ruinas! Entristece  
E causa dó olhal-as — a vontade  
Amollece nas aguas da piedade,  
E, em meio do lutar, treme e fallece.

Cada pedra, que cahe dos muros lassos  
Do tremulo castello do passado,  
Deixa um peito partido, arruinado,  
E um coração aberto em dous pedaços!


## II

A estrada da vida anda alastrada  
De folhas seccas e mirrhadas flôres...  
Eu não vejo que os céos sejam maiores,  
Mas a alma... essa é que eu vejo mais minguada!

Ah! via dolorosa é esta via!  
Onde uma Lei terrível nos domina!  
Onde é força marchar pela neblina...  
Quem só tem olhos para a luz do dia!

Irmãos! irmãos! amemo-nos! é a hora...  
É de noite que os tristes se procuram,  
E paz e união entre si juram...  
Irmãos! irmãos! amemo-nos agora!

E vós, que andaes a dôres mais afeitos,  
Que mais sabeis á Via do Calvario  
Os desvios do giro solitario,  
E tendes, de soffrer, largos os peitos;



---

Vós, que lêdes na noite... vós, prophetas...  
Que sois os loucos... porque andaes na frente...  
Que sabeis o segredo da fremente  
Palavra que dá fé—ó vós, poetas!

Estendei vossas almas, como mantos  
Sobre a cabeça d'elles... e do peito  
Fazei-lhes um degrau, onde com geito  
Possam subir a vêr os astros santos...

Levai-os vós á Patria-mysteriosa,  
Os que perdidos vão com passo incerto!  
Sêde vós a columna do deserto!  
Mostrai-lhes vós a Via-dolorosa!

## III

Sim! que é preciso caminhar ávante!  
Andar! passar por cima dos soluços!  
Como quem n'uma mina vai de bruços,  
Olhar apenas uma luz distante!

É preciso passar sobre ruínas,  
Como quem vai pisando um chão de fôres!  
Ouvir as maldições, ais e clamores,  
Como quem ouve musicas divinas!

Beber, em taça turbida, o veneno,  
Sem contrahir o labio palpitante!  
Atravessar os circulos do Dante,  
E trazer d'esse *inferno* o olhar sereno;

Ter um manto da casta luz das crenças,  
Para cobrir as trevas da miseria!  
Ter a vara, o condão da fada aerea,  
Que em ouro torne estas arêas densas!

---

E, quando, sem temor e sem saudade,  
Poderdes, d'entre o pó d'essa ruina,  
Erguer o olhar á cupula divina,  
Heis de então vêr a *nova-claridade!*

Heis de então vêr, ao descerrar do escuro,  
Bem como o cumprimento de um agouro,  
Abrir-se, como grandes portas de ouro,  
As immensas auroras do Futuro!

1864.



## X

## Mais luz!

(A GUILHERME D'AZEVEDO)

Lasst mehr Licht hereinkommen!

*Ultimas palavras de Goethe.*

Amem a noite os magros crapulosos,  
E os que sonham com virgens impossiveis,  
E os que se inclinam, mudos e impassiveis,  
Á borda dos abysmos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,  
Cobre-os, tapa-os, e torna-os insensiveis,  
Tanto aos vicios crueis e inextinguiveis,  
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,  
E o meio-dia, em vida refervendo,  
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,  
Seja-me dado ainda vêr, morrendo,  
O claro sol, amigo dos heroes!







LIVRO SEGUNDO

Ca he visto, dice, señor, nuevos yerros  
La noche passada hacer los planetas,  
Con crines tendidos arder los cometas  
Y dar nueva lumbré las armas e hierros...  
Ladrar sin herida los canes y perros,  
Triste presagio hacer de peleas  
Las aves noturnas y las funereas  
Por essas alturas, collados y cerros !

JUAN DE MENA : *Laberinto.*

## I

## These e antithese

## I

Já não sei o que vale a nova idéa,  
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,  
Torva no aspecto, á luz da barricada,  
Como bacchante após lubrica cêa!

Sanguinolento o olhar se lhe incendêa...  
Aspira fumo e fogo embriagada...  
A deusa de alma vasta e socegada  
Eil-a presa das fúrias de Medêa!

Um seculo irritado e truculento  
Chama á epilepsia pensamento,  
Verbo ao estampido de pelouro e obüz...

Mas a idéa é n'um mundo inalteravel,  
N'um crystallino céo, que vive estavel...  
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

## II

N'um céo intemerato e crystallino  
Póde habitar talvez um Deus distante,  
Vendo passar em sonho cambiante  
O Ser, como espectáculo divino :

Mas o homem, na terra onde o destino  
O lançou, vive e agita-se incessante...  
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...  
Cá da terra blasphema ou ergue um hymno...

A idéa incarna em peitos que palpitam :  
O seu pulsar são chammas que crepitam,  
Paixões ardentes como vivos soes !

Combatei pois na terra arida e bruta,  
Té que a revolve o remoinhar da lucta,  
Té que a fecunde o sangue dos heroes !

## II

## Secol' si rimuova

(AO SR. J. P. OLIVEIRA MARTINS)

## I

Não sei que pé, na estrada do Infinito,  
Vai andando, não sei! mas as Cidades  
E os Templos e, nos altos minaretes,  
A Meia-Lua, e a Cruz nas altas torres,  
E os Castellos antigos e os Palacios,  
—Tudo quanto ahi estava edificado  
E assente como a rocha sobre o monte—  
Tudo sente pavor e se perturba  
E tem tremor presago de ruina  
E se escurece e teme...

Das alturas  
Do passado, olha o abysmo do futuro

E, vendo-o a vez primeira tão cavado,  
Tão livido por baixo e, por instantes,  
Cortado de relampagos... ancêa  
E tem vertigens de atirar-se ao pégo!

A ossada das Babeis do mundo antigo  
Gemeu — e viu-se então esse esqueleto,  
À luz de incendio estranho, conchegando,  
Como se fosse carne aos ossos, restos  
Da mortalha de purpura d'outr'ora...  
Mas os vermes roeram-lhe a mortalha  
E bem se vê a ossada nua...

## II

## Ancêam

Por encobrir essa nudez aos olhos,  
Ou por cegar então os olhos todos!

Porque se, um dia, os pés d'essas estatuas  
Se virem ser de barro e não de bronze;  
Se se vir que os *Jardins de Babylonia*

Estão suspensos por uns debeis fios,  
E não assentes sobre pedra e abobada ;  
Se se vir que as columnas d'esse templo  
Não são marmore rijo, mas formadas  
De uns troncos velhos meios podres, e o Idolo  
Se conhecer que já não faz milagres...  
Em verdade, em verdade, que ha-de ouvir-se,  
Sobre a face da terra, ao Sul e ao Norte,  
Erguer-se, como o vento das tormentas,  
E voar, como relampago nas ondas,  
Bem estranho clamor — mixto de chóros  
E imprecações e supplicas e brados  
E odios, tudo a rugir!... e muita escama  
Ha-de aos olhos cahir... e muita frente  
Que beija o pó ha-de entestar co'as nuvens !

Muito machado de aço, que anda agora  
Cortando na floresta o cedro e o sandalo  
Para a pyra dos Idolos, quem sabe  
Se não ha-de voltar talvez o gume  
Contra esses pés myrrhados do esqueleto?  
Muitos braços, que puxam hoje ao carro,  
Quem nos diz que não hão-de, emfim quebrando  
As algemas servis, precipital-o?  
E muitas postas mãos em prece humilde,  
Talvez erguer-se e dar na cara ao morto?  
E muito labio, que murmura a supplica,

Abrir-se enfim para escarrar o ultraje?  
E muito olhar tremente soltar chammaas?  
E muitos curvos hombros, que acarretam  
O ouro em pó e incenso e myrrha, ainda  
Quem o sabe? talvez ir-se de encontro  
À base da estatua — e derrocal-a?

## III

Eu tenho visto a pedra, desprendida  
Da montanha, levar meia floresta  
Na carreira — e não ha-de esse granito  
Colossal, que é o Povo, despregado  
Por mãos do tempo, com trabalho immense,  
Ao rolar no declive da historia  
Esmagar, ao correr, os troncos seccos  
E o myrrhado ossuario do passado?  
Não ha-de o solo heroico, que se agita,  
Lançar ao ar castellos e cidades?  
Ha-de abrir-se o vulcão só por que atire  
Um só jacto de fumo e cinza apenas?  
E a alma dos homens ha-de entrar nas dôres  
De um parto crudelissimo, e volver-se  
N'um leito de torturas, por que o feto



Predestinado, a pallida Esperança,  
Fructo de mil angustias, em chegando  
A vêr a luz se chame *desespero*?

Elles sabem que não. Sabem que o oceano,  
Chamado humanidade, gasta seculos  
A revolver, lá dentro em si, uma idéa;  
Mas que, se um dia chega a vêl-a clara,  
A phrase com que a deita ao mundo é o estrondo  
Da tormenta... e é seu *verbo* o cataclysmo!

## IV

Elles sabem e temem. —

Como ovelhas,  
A quem faro de lobos poz espanto,  
Uniram-se formando um grande circulo.

'Stá no centro o *Pastor* — baculo de ouro  
Por fóra, mas por dentro ferro todo!  
Em volta do cajado da legenda  
(Como em volta ao bordão do Sete-estrello  
As estrellas do céo) é que se juntam  
As estrellas fataes da treva humana.

Os que trazem na mão a cruz de Christo  
(Onde a Christo pregaram!) e os que apertam  
Com o guante ferrado a cruz da espada!  
Os que do peito humano fazem cunho  
E, vasando-lhe prantos, lhes sahe ouro!  
Os cabos do exercito traidores,  
Porta-bandeiras que o pendão venderam;  
Que, vendo na auriflamma esta palavra  
*Justiça* escripta, vão (linguas de vibora)  
Lambendo a letra de ouro, e a baba horrivel  
Deixa bordado a fio de peçonha  
O mote d'elles *Interesse!* os *sabios*  
Que andam tapando o sol co'a capa negra!  
Os Cains, que subindo sobre a espada  
Dos irmãos, lhes deixaram cada hombro  
— Marca de servidão — beijo do inferno —  
Ferido dos sapatos tauxiados!  
Os leprosos que põem ouro nas chagas!  
Os que vendem a Christo cada dia,  
E o renegam tres vezes cada noite!  
Os herdeiros do Abuso! os feudatarios  
Do Crime! os titulares da Ignominia!  
Eis do inferno o rebanho, que obedece  
A um Pastor... herdeiro da Serpente!

## V

São estes que fizeram de cadaveres  
O grande monte do Passado: estes  
Que de ossadas fizeram os castellos  
E os pulpitos e os thronos — e fizeram  
De prantos oleo santo e agua benta...

São estes que fizeram da cruz negra  
Do mau ladrão signal com que se absolvem  
Entre si: e, deitando a *toga preta*  
Pelo espaço, fizeram Firmamento;  
E chamaram, ao sol, escuridade;  
E, ao pensamento, lepra; e á ignorancia  
Elevaram altar; e á ignominia  
Chamaram dignidade; e andam pedindo  
Esmola para a Treva; e querem do homem  
As lagrimas, apenas... com que reguem  
Do seu jardim roubado as negras flôres!

## VI

E, emtanto, sabem (quem tem olhos vê-o...  
Vê com espanto!) que o tremor do solo  
É largo e vem de longe; e que ha no espaço,  
Fóra do mundo, mão que impelle as cousas  
E, como onda, as agita a ir de encontro  
À *cidadella das ruínas!* Sentem  
Já sobre o coração um frio horrível...  
E, olhando em volta, vêem pelo escuro  
Vir essa negra mão, que traz erguida  
A espada flammejante do Destino!

Vêem... e luctam! Deus é que elles tentam  
E ao Destino é quem elles desafiam!  
Mas têm medo — os cobardes — porque mentem  
E não sabem bradar, olhando os astros,  
« Nós cá somos o Mal... guerra de morte! »

Não sabem — mentem — dizem que o Passado  
Era urze fraquinha que a Revolta,

Bem como golpe de alvião valente,  
De uma vez arrancou. Fazem-se humildes  
E, como o canavial, vergam gemendo...  
E dizem *meu irmão* a cada insecto...  
E querem vêr se enganam a Verdade...  
E querem vêr se Deus lhes cahe no laço!

## VII

O Passado! essa larva macilenta,  
Mixto de podridão, tristeza e sombras,  
Se morreu... resurgiu do seu sepulchro!  
Bem o vemos andar, pavonear-se  
Entre nós, nos vestidos illusorios  
Da triste morte, arremedando a vida,  
Passar — e sobre a fronte d'esse espectro  
Bem se vê uma sombra de tiara  
Ou de corôa, ao longe, branquejando!

Mudou de roupa — mas o corpo ainda  
É o mesmo... é peor, que cheira á cova!

O castello feudal tinha raizes  
Bem fundas n'esse chão: e a arvore heraldica,

Antes que a decepassem, alastrou-se  
Subterranea e botou rebento ao longe...  
Se a regou tanto sangue e tanta lagrima!  
Tem muita vida ainda a arvore negra...

O velho mundo, a Babylonia antiga,  
— Leviathan dos tempos — tem amarras  
De ferro colossaes que á praia o ligam:  
Cada fuzil é um abuso; a ancora  
É a inercia das gentes; e é o interesse  
A rocha a que se prende. Ri dos ventos  
E julga-se seguro... mas um dia  
Ha-de estalar... e então! então o oceano  
Terá pouca fundura para a cova,  
E poucas ondas a deitar-lhe em cima!

## VIII

O novo mundo é toda uma alma nova,  
Um homem novo, um Deus desconhecido!

No nosso sangue ha globulos legados

Pelo mysterio das idades idas :  
Ha toda a podridão da arvore antiga,  
Legada ao germen da arvore futura...

Ha o espirito e a fórma. A *Authoridade*,  
Esse mysterio, espada de Damocles,  
Essa nuvem sombria onde se escondem  
O Senhor do Sinay e as doze-taboas :  
A rede de mil fios, que atirando  
Uma ponta á familia, em mil meandros  
Vai, desce, sobe, some-se, apparece,  
Té que prende no throno a ultima ponta,  
Onde a Aguia-bifronte os fios une !

Ha o *Terror* — a nuvem das alturas  
Trazida para aqui (ou aqui formada);  
Raio de luz do eterno sanctuario  
Mettido no candil d'estes Diogenes !  
Uma ponta do véo azul do agosto  
Cobrindo a fronte cynica do eunuco !  
*Deus* — o segundo termo do dilemma  
Sempre apontado ao peito, como setta !  
Não se poder andar, correr os campos,  
Sem que, de um canto escuro, um vulto negro  
Nos brade logo «arreda ! aqui começa  
O dominio do céo — atraz, profano ! »

O pensamento livre e illuminado  
Mettido ao canto d'essa jaula negra  
De *pedra e ferro!* o céo sempre na terra!  
A *tenda do deserto* em mil retalhos  
Partida! e a onda do mar pulverisada!

.....  
Ha de que perguntar porque é que os astros  
Se põem a olhar assim com tal carinho  
Para aqui, e temer que o sol, um dia,  
Revolvendo o que viu, fuja no espaço  
Ou se apague co'as lagrimas choradas...  
Porque isto é baço e isto é atroz!

## IX

Emtanto,  
Da Historia o solo tragico, regado  
Com o sangue dos tempos, anda em dôres  
Concebendo um mysterio—porque dentro  
Em seu seio, n'um rego tenebroso,  
Não sei que mão deitou uma semente  
Escura mas divina, a do Futuro!



## X

Ha-de crescer até ao céu essa arvore!  
Ha-de vingar! o bafo, o ar que respira,  
É o Desejo do homem, essa eterna  
Aspiração, essa atmosphera ardente  
Aonde bebe vida quanto ha grande,  
Quanto de novo e estranho á luz se eleva!

Ha-de crescer essa arvore divina!  
Porque as raizes d'ella vão, na sombra,  
Buscar a vida ás duas largas fontes,  
Verdade e Amor—e a seiva que a alimenta  
É a Idéa... e é o chão a Humanidade!

## XI

Deixal-a ir! Os vermes que a rodêam

Querem comer-lhe o tronco — estes insectos  
São audazes... porque? porque são cegos!  
Hão-de gastar os dentes n'essa lida;  
Hão-de gastar, depois, ainda a cabeça;  
Hão-de por fim gastar o corpo todo!

E ella como se vinga?

A essa poeira  
Escura, que deixarem quando extinctos,  
Lá irá procural-a co'as raizes,  
E transformal-a em seiva; e d'essa seiva  
Fazer ou folha ou ramo ou flôr, acaso,  
E, generosa, ao sol do bello erguel-a  
Que veja, ao menos uma vez, os astros!

Elles são fortes — elles têm o Mundo :  
Ella, por si, apenas tem... o Espirito!

1863.



## III

Como o vento ás sementes do pinheiro  
Pelos campos atira e vai levando...  
E, a um e um, até ao derradeiro,  
Vai na costa do monte semeando:

Tal o vento dos tempos leva a Idéa,  
A pouco e pouco, sem se vêr fugir...  
E nos campos da Vida assim semêa  
As immensas florestas do porvir!



## IV

*Iustitia mater*

Nas florestas solemnes ha o culto  
Da eterna, intima força primitiva :  
Na serra, o grito audaz da alma captiva,  
Do coração em seu combate inulto :

No espaço constellado passa o vulto  
Do innominado alguem, que os soes aviva :  
No mar ouve-se a voz grave e afflictiva  
D'um deus que lucta, poderoso e inulto.

Mas nas negras cidades, onde sôlta  
Se ergue de sangue madida a revolta,  
Como incendio que um vento bravo atiča,

Ha mais alta missão, mais alta gloria :  
O combater, á grande luz da historia,  
Os combates eternos da justiça !



## V

## No Templo

## I

O Povo ha-de inda um dia entrar dentro do Templo,  
E ha-de essa rude mão erguer-se sobre o altar;  
E ha-de dar de piedade um grande e novo exemplo,  
E, ao pulpito subindo, o mundo missionar.

Heis de essa voz solemne ouvir—na nave augusta  
O canto popular ao longe soará;  
E a pedra, carcomida ás mãos do tempo e adusta,  
Anciosa palpitando, o hymno escutará!

O Povo ha-de fazer-se, então, bispo e levita;  
E será *missa-nova* a missa que disser:  
E ha-de achar ao sermão por thema o que medita  
Hoje confuso e está na mente a revolver.

Então, por essa immensa abobada soando,  
Ha-de correr o som de um orgão colossal;  
E uma outra cruz no altar, outro esplendor lançando,  
Ha-de radiar luz nova ás letras do missal.

*Dia santo* ha-de ser esse de festa estranha!  
Com a callosa mão o Povo toma a cruz,  
Amostra-a á multidão e — Christo na Montanha —  
Missiona... e a frente, emtanto, inunda-se de luz!

Então o seu olhar será como o espelho  
Dôce, que o filho tem no olhar de sua mãe:  
E, tendo n'uma mão erguido o Evangelho,  
Com a outra aponta ao longe o vago espaço, além...



## II

Ninguém o dia sabe ao certo: emtanto, vemos  
Pelos signaes do céu que a *aurora* perto está...  
Pelas constellações é que esse espaço lêmos...  
A *estrella do pastor* desmaia... Eil-o vem já!

.....

Sabeis que *missa nova* essa é que diz o Povo?  
E o orgão colossal que, em breve, vai soar?  
Qual é o novo altar e o Evangelho novo?  
E o thema do sermão que ás gentes vai prégar?

O Evangelho novo é a biblia da Igualdade:  
Justiça, é esse o thema immenso do sermão:  
A missa nova, essa é missa de Liberdade:  
E orgão a acompanhar... a voz da Revolução!



## VI

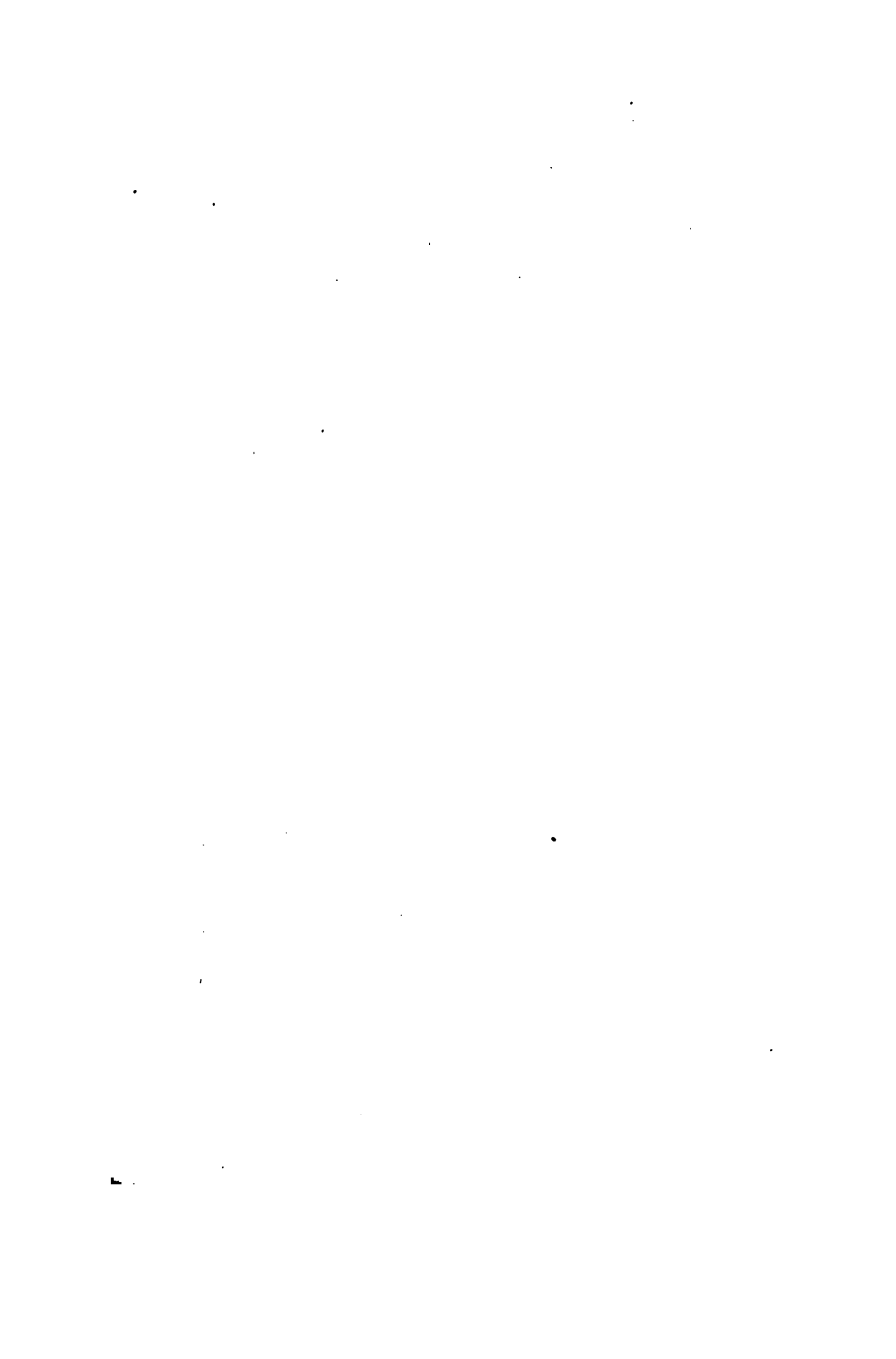
## Palavras d'um certo morto

Ha mil annos e mais que aqui estou morto,  
Posto sobre um rochedo, á chuva e ao vento:  
Não ha como eu espectro macilento,  
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espirito vive: vela absorto  
N'um fixo, inexoravel pensamento :  
« Morto, enterrado em vida! » o meu tormento  
É isto só... do resto não me importo...

Que *vivi* sei-o eu bem... mas foi um dia,  
Um dia só — no outro, a Idolatria  
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me

Como se *eu* fosse *alguem!* como se a Vida  
Podesse ser *alguem!* — logo em seguida  
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!



## VII

## Aos miseraveis

## I

Vós vêdes esses *lobos carniceiros*,  
Que em volta dos *redis* andam bramindo?  
Que onde se espalha o sangue são primeiros,  
E ultimos onde o Amor está sorrindo?  
Tremeis de medo ao vêl-os? ou, rasteiros,  
Da vista d'elles vos andaes sumindo?  
Ou, cheios de odio, estaes a invejal-os?  
Pois, em verdade, que é melhor choral-os!

\*

Elles não vêem d'este grande mundo  
Mais que os tectos dourados de seus paços...  
Vós tendes todo o céu largo e profundo  
Por tecto, e por palacio esses espaços !  
O que Deus dá a todos... o fecundo...  
Que não se nega aos mais myrrhados braços...  
O brado que de um peito amado sahe...  
E o que do olhar das mães n'alma nos cahe...

A herança é bella, miseraveis ! vêde...  
*Miseraveis!* porque? porque no estio  
Só piedoso olhar vos mata a sêde?  
Porque, quando tremeis de fome e frio,  
Deus só seio de amigo vos concede?  
Só tendes a esperança, como rio,  
Para banhar-vos no maior calor?  
*Elles* têm tudo... só lhes falta o Amor!

Nem têm Intelligencia ! a que vem d'alma !  
Esse grande entender da Grande Cousa !  
Cacho nascido na mais alta palma !  
Corôa de quem *crê* e de quem *ousa* !  
Sangue de irmãos a sêde lhes acalma...  
Dão banquetes no marmore da lousa...  
É saber isto? é isto intelligencia?  
Não ! que o Bem é o perfume d'essa essencia !

A camphora... a balsamica resina...  
A essencia que distilla sobre os Povos,  
Na frente d'elles, como unção divina...  
Quando o tronco deitou rebentos novos,  
E palpitou a ave pequenina  
Por um leve rumor dentro em seus ovos,  
Então cahiu tambem da immensidade,  
Sobre a frente dos povos, a Verdade!

É Ella, que resalta, como lume,  
Do choque das idéas e das cousas!  
Não ha grilhões que a prendam... que os consume!  
Nem campa... que ella estala as frias lousas!  
Machado de aço fino, com o gume  
A arvore decepou onde te pousas  
Tu, negro mocho da Hypocrisia,  
E tu, aguia fatal da Tyrannia!

## II

Derruba com seu pé thronos erguidos,  
Com um sopro, no pó lança os castellos,  
E aos *vermes* que na sombra vão sumidos  
É a quem ella chama filhos bellos !  
Os cometas, que ao ar andam subidos,  
Fez cahir... e tomando uns alvos vellos  
Pallidos e trementes, a Verdade  
Com elles construiu throno e cidade !



Nós vimos esse deus e a nossa bocca,  
Não sabendo quem é, chamou-lhe Idéa:  
N'um dia faz-se nada, e a si se pouca...  
No outro o mundo envolveu na immensa têa!  
Pareceu bem minguada e cousa pouca,  
Quando com Christo se assentou á cêa...  
No outro dia chamava-se Martyrio...  
Alma depois... depois chamou-se Emyreio!

Vai indo e vai varrendo a casa immunda  
Que se chama *passado*—e faz o *novo*  
Da poeira, inda hontem infecunda,  
E que já ámanhã se chama Povo.  
É ella quem destroe e quem inunda;  
E, entre as ruinas, faz chocar um ovo  
Onde se agita um feto, hoje inda escuro,  
Mas que é aurora e luz... porque é Futuro!

É gosto vêr os thronos abalados  
Por essa ferrea mão, e vêr os cultos  
Por terra, e entre os altares alastrados,  
Vêr sob elles no pó deuses sepultos!  
Vêr os només dos *grandes* apagados,  
E as sombras dos *heroes* cheias de insultos...  
Porque esse sopro que o incendio atíça,  
E essa mão e esse braço... é a Justiça!

A Justiça flammeja como a espada  
Do archanjo invisível — resplandece  
Como a chamma dos fogos ateadas,  
Que, ao longe, nas montanhas apparece.  
Vela á porta dos grandes assentada:  
Á ruina dos maus é que ella desce:  
E tem por throno e solio soberanos  
As ossadas comidas dos tyrannos !

Ninguem a vê chegar... mas, de repente,  
Apparece — e mudou a face ás cousas !  
Encheu de prantos quem dormiu contente;  
Dos felizes sentou-se sobre as lousas;  
Do olhar do *forte* fez olhar tremente;  
E a ti, ó miseravel, que nem ousas  
Do chão teus tristes olhos levantar,  
Foi quem ella tomou para beijar !

Não são consolações que dê o *acaso*,  
São *leis* mysteriosas e divinas...  
A providencia occulta em cada caso...  
Presente na ventura e nas ruinas...  
O que se achou no fundo d'esse vaso  
Que se libou na vida... as surdas minas  
Por onde o incendio lavra sem ser visto,  
Chame-se embora Garibaldi ou Christo !

## III

Ó Justiça! eu sorrio quando encaro  
Os semi-deuses d'esta terra ingrata,  
Que cheios de vaidade e de descaro  
Se julgam feitos de ouro e fina prata...  
Sorrio ao vêr como em seu throno avaro  
Cuidam fallar com voz de cataracta,  
E crêem ser na altura uns Sete-estrellos...  
Que eu bem sei que Tu has-de subvertel-os!

Os Thronos cahem sem acharem echo,  
E os deuses morrem sem fazer ruido;  
É o Sceptro ramo que só fructo peço  
Dará, e o Montante de aço buido  
Não poda a *vinha...* deixa tudo secco!  
Tudo isto morre e vai-se em pó sumido...  
Thronos, tiaras, sceptros, potestade,  
Que pesam na balança da Verdade?

Mas a idéa, que sahe da nossa fronte;  
E a dôr, que irrompe e rasga o nosso peito;  
Mas a agua, que tem n'uma alma a fonte;  
E o feto, que nasceu todo imperfeito;  
E o ai de um triste em solitario monte;  
E um pranto maternal em frio leito;  
Eis quem pesa no prato da balança  
Onde se mede o amor e a esperanza!

Esperança! de balde não se soffre!  
Ó vós que andaes curvados, vêde a altura  
E dizei-nos se pôde dar de chofre  
No lodo quem nasceu da formosura?  
E espalhar os brilhantes do seu cofre  
Entre as urzes, e pobre e em noite escura  
Ir curvado sem vêr a *cousa-bella*  
Quem nasceu para andar de estrella em estrella?

---

Caminhai para a *estrella da alvorada*  
Que vos sorri de lá — não tenhaes medo —  
Té que se desembrulhe esta meada...  
E ha-de desembrulhar-se, tarde ou cedo!  
Miseraveis! segui na vossa estrada  
De miseria, segui, com rosto ledó...  
É a estrada real de um reino certo!  
Vai na frente a *columna do deserto!*

1863.



## VIII

## A um crucifixo

## I

Ha mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços  
E clamaste da cruz: ha Deus! e olhaste, ó crente,  
O horisonte futuro e viste, em tua mente,  
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem echo o echo de teus passos,  
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?  
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente  
Arrojáras de novo á campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,  
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,  
Sob o mesmo ermo céo, frio como um sudario...

E agora, como então, viras o mundo exangue,  
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue  
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Calvario?—

## II

## DOZE ANNOS DEPOIS

Não se perdeu teu sangue generoso,  
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,  
Plebeu antigo, que amarrado ao póste  
Morreste como vil e faccioso.

D'esse sangue maldito e ignominioso,  
Surgiu armada uma invencível hoste...  
Paz aos homens e guerra aos deuses! — poz-te  
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:  
Um povo em ti começa, um homem novo:  
De ti data essa tragica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,  
Lembraremos, herdeiros d'esse povo,  
Que entre nossos avós se conta Christo.



## IX

Por mais que o mundo acclame os vãos triumphadores,  
Os que passam cantando e os que passam óvantes,  
Os que entre a multidão vão como uns hierophantes,  
E os que repartem d'alto, augustos julgadores,  
Às turbas o favor e os desdens cruciantes,

Não ha gloria ou poder, cousa que o mundo acclame,  
Igual á morte obscura, erma, vil, impotente,  
D'um homem justo e bom, que expira injustamente  
Na miseria, no exilio, ou em carcere infame,  
Mas que applaude a consciencia — e que morre contente!



## X

## Sombra

(A RAYMUNDO DE BULHÃO PATO)

Quando Christo sentiu que a sua hora  
Em fim era chegada, grave e calmo,  
Serenos se acercou dos que o buscavam.  
A turba vinha em armas. Mas, de tantos,  
Nem um só se atreveu a dar um passo,  
A pôr a mão no Filho do Homem. — Todos  
De olhos no chão, as armas encobriam  
Ante Jesus inerte.

Então aquelle  
Que o tinha de entregar, aproximando-se,  
O tomou nos seus braços, murmurando:  
*Que Deus te salve, Mestre!* e, sobre a face  
O beijou, como fôra contractado:  
Então os mais, chegando-se, o prenderam.

Mas Jesus, sem os vêr, lhes perdoava:  
De olhos no céu, seguia-os sereno.  
Era duro o caminho. Sobre um monte  
Iam e, dos dous lados, lá em baixo,  
Cobria a treva a terra toda.

Quando,  
Porém, sobre o mais alto d'esse monte  
Foram enfim chegados, de repente  
Viu-se-lhe uma das faces alumiar-se  
De uma luz dôce e branda, mas immensa!  
E quanta terra, desde o monte ao oceano,  
Lhe ficava do lado aonde virada  
Lhe estava aquella face, reflectindo-a,  
Tudo se esclarecia — valle e serra  
E a metade do céu — apparecendo  
Como em puro luar, ou qual se fosse  
Vir nascendo uma aurora d'esse lado.  
E essa face radiante era a que Judas  
Não chegára a tocar.

Porém a outra,  
Que elle beijára, conservou-se escura  
Como se o crime d'elle alli guardasse...  
Nem dava luz; e o espaço, d'essa banda  
Onde a virava, era uma noite immensa,  
Coberto o horisonte de nevoeiro...  
Partido o mundo em dous, essa metade  
Era a que se ficára envolta em sombras.  
.....  
.....  
Foi d'essas sombras que se fez a Igreja!

1865.



## XI

## Carmen legis...

## I

Muito ruído e pó, e muito escuro!  
É d'isso que se vestem...  
É d'esse ar que respiram e que vivem...  
Salamandras da sombra!

Chamam-se Bispos, Reis, Imperadores,  
Altos, Grandes e Ricos!  
Pairam sobre uma nuvem sobranceira,  
E sobre as nossas frentes!


Agitam-se, revolvem-se, remexem-se...  
Ferem os grandes echos...  
Enchem de bulha e pasmo o universo...  
Põem terror e espanto!

Alevantam o pó de toda a estrada...  
E agitam toda a onda!  
Tem o sceptro, a tiara, a espada, a bolsa...  
Mandam nos corpos todos!

Vê-os passar a gente, como uns astros,  
E abaixa ao pó a fronte,  
Com medo de ser visto e que se abraze  
No rabo do cometa!

## II

Pois bem! Grandes, Altivos, Poderosos,  
E Cometas da altura,  
E Senhores da terra e Semi-deuses...  
Vós sois o pó e o nada!





Atroadores! o ruído immenso,  
Com que abalae o mundo,  
É apenas fracasso e pó e estrepito  
De casa que se alue!

## III

O espanto, que espalhaes, não vos pertence...  
Não é a vossa força.  
É o tremor do sólo, é o presagio  
Do grande terremoto!

É o vôo da aza poderosa  
D'aquella aguia cruenta,  
Que vos ha-de abater, precipitando-vos  
Co'a face contra o sólo!

É o echo longinquo das revoltas!  
É o grande rebate!  
É o seio do povo, que concebe  
Um feto monstruoso!


E a desillusão! são as escamas  
    Cahindo d'esses olhos,  
Ao vêr de perto os idolos antigos...  
    E achando-os terra e barro!

O nascer da esperança n'esses cerebros,  
    Que nem d'ella sabiam!  
Modo estranho de olhar o horisonte,  
    Ao vêr os astros novos!

É a onda, que sobe dos abysmos  
    E põe á luz a coma...  
Que abala... mas que vem lavando tudo...  
    E se chama Justiça!

São as vozes, que o ar pavido escuta,  
    Que nunca ouvira d'antes!  
E aos echos do espaço em vão pergunta  
    De d'onde aquillo sobe!

É a Revolução! a mão que parte  
    Corôas e tiaras!  
É a Luz! a Razão! é a Justiça!  
    É o olho da Verdade!



## IV

Quem foi que disse aos povos estas cousas?  
Quem foi que disse ao Servo  
Que Deus, quando o creou, no seu registro  
Lhe poz o nome de Homem?...

E disse que o viver é lei de todos,  
E não só de alguns poucos?  
Para tudo beber, o mar? e a terra  
Sócco da estatua humana?

Qual é a mão intrepida, que arranca  
De sobre os olhos d'elles  
A venda negra, que amarrára, ha seculos,  
A mão do sacerdocio?

Quem é que diz ás faces, ha mil annos,  
Curvadas sobre a terra,  
— «Erguei-vos para o céu! o céu é vosso!  
É essa a vossa herdade!» — ?


## V

Quem foi? fostes vós mesmos! Impellida  
Por força que não vieis,  
A vossa mesma mão foi escrevendo  
Sua propria sentença!

Trabalhaes! e mal vêdes que trabalho!  
Sois as rodas da machina  
Que a si mesma se está esmigalhando!  
E, Reis e Sacerdotes,

E Levitas do mundo! sois vós mesmos  
Que abris a grande *Porta*,  
Por onde ha-de ruir o mundo todo  
No vosso templo egoista,

E deitar, sob o altar, as cruzes todas,  
E beber regalado  
Esse nectar da vida — a Liberdade —  
No vosso calix santo,



E esmigalhar, co'a fronte do levita,  
A fronte do seu idolo!  
Vêde o que ha-de sahir do horrivel choque  
De santo contra santo!

## VI

E sabeis vós porque? Por pouco... apenas,  
Porque o Deus da historia  
Traduziu, n'uma lauda do seu livro,  
A traducção estranha,

Que diz, em vez de *rei* — lobo e tyranno —  
E em vez de *sacerdocio*,  
— Serpente, que se enrosca ao mundo todo —  
E, em vez de *rico* — egoista —

E ajuntou *senhor* e *escravo*, ambos  
N'esta palavra — Homem —  
E *casta* e *privilegio*, traduziu-as  
Ambas por — Igualdade —

E, em vez de *templo* estreito, poz — espaço  
Immenso e infinito —  
E, em vez de *rio*, mar! e, das *migalhas*  
Fez um grande banquete!

E á terra e ao homem, ambos condemnados  
À fixidez do marmore,  
Deu um sopro gigante, baptisando-os  
Com um nome — Progresso —!

## VII

Por isso os vossos thronos se racharam,  
E as cruces vão rolando,  
E as libras se derretem como gelo...  
E foi por isto, apenas!

## XII

A espada inexoravel que flammeja  
No horizonte d'um povo impenitente,  
E não poupa, na ameaça indifferente,  
Nem tugurio, nem paço, nem igreja;

O gladio que encoberto peregrino  
Ergue, imprevisto, nas humanas liças,  
A espada das historicas justicas,  
A espada de Deus e do Destino;

De que pensaes que é feita? Por ventura  
Pensaes que é feita d'um metal terreno,  
Cheio de jaça e fezes, e em veneno  
Temperado talvez por mão impura?

Que é feita de cubiça e violencia?  
E de odios cegos, brutos, truculentos?  
De cobardes e falsos pensamentos?  
De ultraje, de furor e de demencia?

Quanto vos illudis, irmãos! Sabei-o,  
Homens de pouca fé! sabei que a espada  
Sinistra e em cuja folha esbrazeadá  
Uma palavra em lingua estranha eu leio,

Que esse rubro signal de mudo espanto,  
Fixo, pregado alli n'um céo terrivel,  
Continuo, inquebrantavel, inflexivel  
Á prece, á ameaça, á dôr, ao pranto,

Que essa espada da morte e do pavor  
É só feita de Bem inalteravel,  
De Verdade ideal e impeccavel...  
E que esse açoute é feito só de Amor!

Sabei, povos, que em horas de demencia  
Amaldiçoaes a mão que vos castiga:  
Essa inflexivel mão é mão amiga,  
É a mão paternal da Providencia!



## XIII

Versos escriptos na margem d'um missal

Bem póde ser que nossos pés doridos  
Vão errados na senda tortuosa,  
Que o pensamento segue nos desertos,  
Na viagem da Idéa trabalhosa...

Que a arvore da Sciencia, sacudida  
Com força, jámais deite sobre o chão,  
Aos pés dos tristes que alli 'stão anciosos,  
Mais do que o fructo negro da *illusão*...

Que o livro do Destino esteja escripto  
Sobre folhas de lava, em letra ardente,  
E não chegue a fital-o o olho humano  
Sem que se offusque e cegue de repente...

Póde ser que, na lucta tenebrosa  
Que este seculo move sob o céo,  
Venha a faltar-lhe o ar, por fim, faltando-lhe  
A terra sob os pés, bem como Anteo...

Que do sangue espalhado nos combates,  
E do pranto que cahe da triste lyra,  
No arido chão da esperança humana  
Mais não nasça que a urze da *mentira*...

Que o mysterio da vida a nossos olhos  
Se torne dia a dia mais escuro,  
E no muro de bronze do Destino  
Se quebre a frente — sem que ceda o muro...

Que o pensamento seja só orgulho,  
E a sciencia um sarcasmo da verdade,  
E nosso coração louco vidente,  
E nossas esperanças só vaidade...

E nossa lucta, vã! talvez que o seja!  
Cego andarà o homem cada vez  
Que vê no céu um astro! e os passos d'elle  
Errados pelo mundo irão, talvez!

Mas, ó vós que prégaes descanso inerte  
No seio maternal da ignorancia,  
E condemnaes a lucta, e daes ao homem  
Por seu consolo o dormir da infancia;

Apostolos da crença... na inercia...  
Vós que tendes da Fé o ministerio  
E sois reveladores, dando ao mundo  
Em lugar de um mysterio... outro mysterio;

Se quanto o Universo tem no seio,  
E quanto o homem tem no coração,  
O olhar que vê e a alma que adivinha,  
O pensar grave e a ardente intuição,

Se nada — em terra e céu — póde ensinar-nos  
Do fado humano o immortal segredo,  
Nem os livros profundos da sciencia,  
Nem as profundas sombras do arvoredos,

Se não ha mão audaz que possa erguel-o  
O tenebroso véo do Bem e Mal...  
Se ninguem nos explica este mysterio...  
Tambem o não dirá nenhum missal!

1865.

## XIV

## À Europa

(DURANTE A INSURREIÇÃO DA POLÓNIA EM 1864)

La Russie c'est le cholera.

MICHELET.

Aguia da França! que te vejo agora,  
Como ave da noite, triste e escura!  
Ha pouco ainda a olhar o sol — n'esta hora  
Meia offuscada ao resplendor da altura!  
Subindo sem se vêr já quasi, outr'ora,  
E, hoje, tombada sobre a rocha dura!  
E quem por nome teve já Esperança,  
Chamar-se Desalento... Aguia da França!

Irmã! Irmã! Irmã! por ti clamaram  
Desde o desterro os miseros captivos!  
Foi para ti que os olhos levantaram  
Queimados da tortura aos lumes vivos!  
Foi por ti, foi por ti que elles bradaram  
Erguidos do sepulcro e redivivos!  
E tu dormes no ninho da confiança?!  
São irmãos teus! acorda, aguia da França!

\*

Ah! a aguia-imperial inda tem aza...  
 Mas o que ella não tem já é vontade!  
 Ha ainda algum fogo que a abraza...  
 Mas não é nem amor nem liberdade!  
 Inda tem garra com que empolga e arraza...  
 Mas já não os *véos negros* da verdade!  
 Porque, abraçando-a, lhe hão roubado a ardencia  
 Dous *amigos*, o Egoismo e a Prudencia!

Ó Prudentes! não sei se mais me ria,  
 Se mais chore de vêr vossa cegueira!  
 Pois vós, cuidando ter a luz do dia  
 Nas mãos, tendel-as cheias de poeira!  
 Vós chamaes-vos a Ordem, a Harmonia...  
 Mas, *nos fructos*, qualquer vê que a figueira  
 Que, em rebentando o estiô, não rebenta  
 É porque apenas sobre a areia assenta!

A areia do Egoismo! E, se a vaidade  
 Vos não cegára, virieis que a semente  
 Que cahiu sobre o chão da Liberdade,  
 Em vez de ser perdida inutilmente,  
 Dá, por um grão, milhares. — E, em verdade,  
 Verieis tudo isto simplesmente  
 Se, em vez de ter por lei o *livro escuro*,  
 na Justiça lesseis o Futuro!

Sim! o Futuro! Vós olhaes a um lado  
E a outro lado — e vêdes o horisonte...  
Sabeis como passou quanto é passado,  
E que alicerce teve cada monte...  
Por vossa mão o mundo está marcado...  
Cada mar, cada rio, cada fonte...  
Tudo sabeis — a noite e a manhã —  
Só vos esquece... o dia de amanhã!

Quando a Aguia da Russia as duas garras  
Cravar no coração á liberdade,  
Tapando com o vulto as cinco barras  
D'esse Volga de luz, a humanidade;  
Quando, emfim, estalar quantas amarras  
A tem lá presa desde a velha idade,  
E, tomando co'a sombra toda a altura,  
Se estender sobre a Europa a aza escura:

Quando o vento do Norte em nossos prados  
Tiver levado com os grãos as fiôres;  
E, soprando nos ermos despovoados,  
Semear a seara dos terrores;  
Quando, emfim, sobre os sulcos arrazados,  
Dormirem com os bois os lavradores;  
E só brotar no chão da liberdade  
— Só — a herva da Russia, a escuridade:

Vós haveis exultar, então, *prudentes*,  
E, *sabios*, vêr o fructo ao vosso ensino!  
E áquelle velho conto dos dormentes  
Tirar sua moral... que é o Destino!  
Então abrindo os olhos, ó *videntes*,  
Sobre as cabeças heis de vêr a pino  
O cometa dos prosperos futuros...  
Da negra Russia sobre os céos escuros!

E, Diplomatas, heis de lêr as *notas*  
Escriptas nas muralhas derrocadas!  
E das cidades nas bastilhas rotas  
Heis de vêr as *razões* alli gravadas!  
E haveis de ouvir das boccas mudas, bôtas,  
A *opinião* extrema das espadas!  
Lá quando no congresso se assentarem  
As Potencias da Noite... e concertarem!

Quando um povo se chama, em vez de Gente,  
Cholera, peste, vento da Siberia;  
E uma nação é assim cousa impudente  
Que, em vez da veste virginal, aérea,  
Só tem andrajos com que aos olhos mente,  
E é só, no fundo, escravidão, miseria;  
E em vez de filho amado traz ao peito  
*Um* monstro informe de horrído trejeito;



Ó Nações, que dizeis abrir á vida  
E á luz os olhos livres... ó Nações!  
Quando é com cousa assim, crua e descrida,  
Que se vão resgatar as oppressões...  
Não ha voz de justiça — a mais erguida —  
Nem tratados, nem notas, nem razões...  
Ha uma folha só — a da espada —  
Para o grande tratado — a cutilada — !


E vós passaes a mão sobre as escamas  
Do crocodilo... e credes convertel-o?  
Credes ligal-o com as finas tramas  
Da *palavra*, mais frageis que um cabelo?  
Ó homens habeis, que fallaes ás chammas,  
E ao mar bravo co'a voz podeis contel-o,  
Sois uns grandes apostolos por certo...  
Que até andaes prégando no deserto!

Apostolo! mas vêde que no mundo  
Não ha já hoje um só, com este nome,  
Sem que lhe apaguem com um riso immundo  
O nobre fogo em que arde e se consome!  
Quanto vale a *palavra* n'este fundo  
Poço da Europa de hoje, onde se some  
A voz mais alta? quanto vale? olhai!  
Inclino o ouvido... mal escuto um ai!

Apostolo — é a bombardarda da metralha  
Estalando as bastilhas dos tyrannos!  
Apostolo — é o ferro, quando espalha  
O terror sobre os peitos deshumanos!  
É o clarim no meio da batalha  
Tocando a *retirada dos enganos!*  
É a mão do Destino, que em seus ninhos  
Esmaga a loba velha co'os lobinhos!

Contra a Russia — a heresia das nações —  
Um grande e forte apostolo de ferro!  
Que vá direito dentro aos corações  
Com rijo abalo esmigalhar o erro!  
Que, em vez da branda voz das orações,  
Prêgue a sua missão com grande berro!  
Não humilde, não dôce, como os onze  
De Christo... mas apostolo de bronze!

Esse, sim! que converta o povo impio  
Que ao Dagon da matança deu seu culto!  
Que lhe faça correr o pranto em fio,  
Mas um pranto de sangue! Um rude insulto,  
Não palavras de amor a esse Gentio!  
Um missionario de tremendo vulto  
Que em fim lhe escreva as letras da oração  
(Mas com ferro) no duro coração!



Essa é a unica voz que se ergue e brada!  
Com que póde prégar-se, a essa descrida  
Raça de Moabitas, a sagrada  
Nova missão de Liberdade e Vida!  
Nações da Europa! é ao canhão e á espada  
A quem deveis dar a *palavra*. Erguida  
Essa voz soará por toda a terra  
A doutrinar um Evangelho — a guerra!

Ah! se ha ainda olhos para verem,  
Em despeito da venda, a luz infinda!  
Se ha almas juvenis para se erguerem  
Com o sublime vôo que jámais finda!  
Se ha mãos ainda ahi para estenderem  
À luz da gloria um ferro — e se ha ainda  
Povos livres na terra, e em peitos novos  
Ha livres corações — á guerra, ó Povos!



## XV

Ha dous templos no espaço — um d'elles mais pequeno;  
O outro, que é maior, está por cima d'este;  
Tem por cupula o céu, e tem por candelabros  
A lua ao occidente e o sol suspenso ao éste.

De sorte que quem 'stá no templo mais exiguo  
Não póde vêr nascer o sol, nem póde vêr  
As estrellas no céu — que os tectos e as columnas  
Não o deixam olhar nem a cabeça erguer.

É preciso abalar-lhe os tectos e as columnas  
Por que se possa erguer a fronte até aos céos...  
É preciso partir a Igreja em mil pedaços  
Por que se possa vêr em cheio a luz de Deus!



## XVI

## Pobres

(A JOÃO DE DEUS)


## I

Eu quizera saber, ricos, se quando  
Sobre esses montes de ouro estaes subidos,  
Vêdes mais perto o céo, ou mais um astro  
Vos apparece, ou a fronte se vos banha  
Com a luz do luar em mór diluvio?  
Se vos percebe o ouvido as harmonias  
Vagas do espaço, á noite, mais distinctas?  
Se quando andaes subidos nas grandezas

Sentis as brancas azas de algum anjo  
Dar-vos sombra, ou vos roça pelos labios  
De outro mundo ideal mystico beijo?  
Se, através do *prisma de brilhantes*,  
Vêdes maior o Empyreo, e as grandes palmas  
Sobre as mãos que as sustem mais luminosas,  
E as legiões phantasticas mais bellas?  
E, se quando passaes por entre as glorias,  
O carro de triumpho de ouro e sandalo,  
Na carreira que o leva não sei onde  
Sobre as urzes da terra, borrifadas  
Com o *orvalho de sangue*, ó homem fortes!  
Corre mais do que o vôo dos espiritos?

Ah! vós vêdes o mundo todo baço...  
Pallido, estreito e triste... o vosso *prisma*  
Não é vivo crystal, que o brilho augmenta,  
É o metal mais denso! e tão escuro,  
Que ainda a luz que vê um pobre cego  
Luzir-lhe em sua noite, e a phantasia  
Em mundos ideaes lhe anda accendendo...  
Esse sol de quem já não espera dia...

Ah! vós nem tendes essa luz de cegos!  
Que! subir tanto... e estar cheio de frio!  
Erguer-se... e cada vez trevas maiores!





---

Homens! que *monte* é esse que não deixa  
Vêr a aurora nos céos? qual é a altura  
Que vela o sol em vez de ir-lhe ao encontro?  
Que azas são essas, com que andaes voando,  
Que só ás nuvens negras vos levantam?  
Certo que deve ser o vosso *monte*  
Algum *poço* bem fundo... ou vossos olhos  
Tem então bem estranha catarata!



## II

Ha ás vezes no céo, cahindo a tarde,  
Certas nuvens que segue o olhar do triste  
Vagamente a scismar... ha nuvens d'estas  
Que o vestem de poesia e de esperança,  
E lhe tiram o frio d'este *inverno*  
E o enchem de esplendor e magestade...  
Mais do que as vossas tunicas de purpura!

Eu, ás vezes, nas naves das igrejas  
Lá quando desce a luz e a alma sobe...  
E entre as sombras perpassam as saudades...  
E no *seio de pedra* tem o triste

Mil seios maternas... eu tenho visto  
Branquejar, nos desvãos da nave obscura,  
Como as nuvens da tarde desmaiadas,  
Uns brancos véos de linho em frentes bellas  
De umas pallidas virgens scismadoras,  
Que, em verdade, não ha para cobrir-nes  
A alma de mysterio e de saudade  
Gaze nenhuma assim! Vêde, opulentos,  
Como Deus, com olhar de amor, as veste  
A ellas, de uma luz de aurora mystica,  
De poesia, de unção e mais belleza  
Que o véo tecido com o *vêlo de ouro!*

Os vossos cofres tem thesouros, certo,  
Que um rei os invejára... Mas eu tenho  
Às vezes visto o infante, em seio amado  
De mãe, dormir coberto de um sorriso,  
Tão guardado do mundo como a perola  
No fundo do seu golfo... e sei, ó ricos,  
Que aquelle abrigo aonde a mãe o fecha  
— Entre braços e seio — é precioso,  
Cerra um thesouro de mais alto preço  
Que os thesouros que encerram vossos cofres!



## III

Levitas do MILHÃO! o vosso culto  
Póde ter brilhos e esplendor e pompas...  
Arrastar-se nas ruas da cidade  
Como um manto de rei... e sob os arcos  
De marmore passar, como em triumpho...  
Ter columnas de porfido luzente...  
E ser o altar do vosso santuario  
Como o templo do Sol... cegar de luzes...  
O vosso Deus póde ser grande e altivo  
Como Baal... o Deus que bebe sangue...  
Mas o que nunca o vosso culto esplendido  
Ha-de ter, como um véo para o sacrario,  
A velar-lhe mysterios... é a poesia...

Esse mimo de amor... esses segredos...  
O ingenuo sorriso da criança...  
O olhar das mães, espelho de pureza...  
A flôr que medra na soidão das almas...  
O branco lirio que, manhã e tarde,  
Aos pés da Virgem, no oratorio humilde,  
Rega a donzella, em vaso pobresinho!  
Nunca a vossa cruz-de-ouro ha-de dar sombra  
Como a *outra* do Golgotha, — o allivio,  
Sombra que buscam almas magoadas —  
Onde os cytisos pallidos rebentam...  
Consolações... saudade... e inda esperanças...

Podeis cavar... as minas são bem fundas...  
Cavai mais fundo ainda... é já o centro  
Da terra, ahi! Mas onde, ó vós mineiros,  
Por mais que profundeis não heis-de uma hora  
Chegar jámais... é ao coração...

E, emtanto,  
É lá a unica mina de ouro puro!

## VI

O coração! Potosi mysterioso!  
O grande rio de areaes auriferos,  
Que vem de umas nascentes ignoradas  
Arrastando saphiras em cada onda,  
E depondo no leito finas perolas!

O coração! É ahí, ricos, a mina  
Unica digna de enterrar-se a vida,  
Cavando sempre alli... sem vêr mais nada...  
Foi lá, como na areia o diamante,  
Que Deus deixou cahir da mão paterna  
As esmeraldas do diadema humano...

O Sentimento vivo... a Acção radiante...  
E a Idéa, o brilhante de mil faces!  
Foi lá que esse Mineiro dos futuros  
Encobertos andou co'os braços ambos  
Mettidos a buscar — mas quando um dia  
Do fundo as mãos ergueu... o mundo, em pasmo,  
Viu-lhe brilhar nas mãos... o Evangelho!

1863.



## XVII

## Accusação

(AOS HOMENS DE SANGUE DE VERSAILLES EM 1871)

Ergue-te em fim, Justiça vingadora!  
Corusque em breve a tua espada ardente!  
Eu vejo a Tyrannia onnipotente,  
Em quanto ao longe a Piedade chora...

Nasce rubra de sangue cada aurora,  
E o sangue ensopa a terra ainda quente...  
É congresso de sangue o que esta gente  
Abriu entre as nações, que o sangue irrorra!

Ante o altar encoberto do Futuro  
E ante ti, Vingadora, accuso e cito  
Estes homens de insidia e odio escuro!

Endureça minh'alma, e creia e espere,  
Com um desejo estoico e infinito,  
Só na Justiça que condemna e fere!

Junho de 1871.



## XVIII

## Flebunt euntes

(AO SR. ALEXANDRE HERCULANO)

## I

Tambem sei, tambem sei o que são lagrimas!  
E sei quanto se deve  
Ás cinzas dos Avós, quando as lançamos  
Aos ventos do oceano!

## II

Eu fallo das ruinas do passado,  
E de glorias futuras;  
E meu peito está cheio de desejos  
E aspirações immensas.


E solto o canto, ebrio de esperanças,  
Ao vêr a nova Aurora:  
E ergo a face, e meus olhos são de chamma,  
Por saudar a Justiça!

E ao vêr a grande Lei, que vem correndo  
Pela encosta dos tempos,  
Como carro, e esmagando os troncos velhos,  
E deslocando tudo;

Bato as mãos — porque o eixo d'esse carro  
É o braço da Verdade!  
E o motor, que o impelle, é a caldeira  
Gigante do Progresso!

## III

Que muito que me esqueçam as tristezas,  
Os ais dos que atropella  
E esmaga a larga roda portentosa,  
Em seu girar convulso?



Que só veja a victoria, e não os mortos?  
A Obra magestosa,  
E não o chão cavado, revolvido,  
Onde tem alicerces?

A pelle que a *serpente* vai largando,  
E não as muitas dôres?  
E esses olhos que se abrem á verdade,  
E não os que ella offusca?

E, posto no convez da bella nave,  
Que solta os largos pannos,  
Em demanda de mundos encobertos,  
De mysterioso rumo,

E, mergulhando o olhar nos horisontes,  
Buscando nova America,  
Não ouça os ais saudosos dos que deixam  
A patria, o berço, o ninho?

Nem lembre, agora que a ruina é certa,  
(Revedo já na mente  
Os palacios-de-fadas, que hão-de erguer-se  
De sobre esses destroços)

Os corações, que estavam descansados,  
E tinham travesseiro  
E leito, no que vai ser revolvido  
E ser despedaçado?

Os pendões que açoutavam, tremulando,  
O ar, sobre os castellos,  
Que a Justiça dos tempos vai agora,  
Com mão rude, aluindo?

As crenças, que se herdaram? e as bebidas  
Das mães no seio d'ôce?  
Essas louras cabeças, que se beijam  
Em sonho cada noite?

E a cruz, que com seus braços, cada dia,  
Nos mostra a nossa estrada?  
E o altar da nossa fé? e o berço amigo  
Das illusões antigas?

## IV

Tambem sei o que é dôr — e como as lagrimas  
    Saheo, arando o peito;  
E o que é inclinar-se um triste, ás tardes,  
    Sobre gastas ruinas!

E vêr os velhos idolos partidos;  
    E os pendões de outro tempo  
Lambendo agora o chão, com o mesmo tope  
    Onde a gloria pousava!

E vêr-se só no mundo e como errante...  
    (Crepusculo das almas!)  
Perdida a fé antiga, e ainda obscuros  
    O Deus e os cultos novos!

E não ter já o leito de inda hontem...  
    E não saber já agora  
Se o peito do irmão, do pai, do amigo,  
    Ainda tem um nome!

As almas, que como hera se enlaçavam  
Ao carvalho gigante...  
As vidas, flôres á antiga sombra  
Nascidas e medradas...

A tristeza do tempo... a dôr dos seculos,  
Que vão, como gemidos,  
Cahindo e arrastando homens e cousas...  
Não se sabe a que abysmo!

## v

Eu sei quanto se deve ao desamparo,  
E ás tristezas profundas,  
E ás saudades, que vem, como soluços,  
Do fundo da historia!

Se sei o que é Aurora — essa poesia  
Do que á luz vem nascendo,  
Tambem entendo o Occaso e as longas sombras...  
— Poesia de ruinas! —



## VI

Immensa soledade e angustia immensa!  
Como Sião deserta,  
Como o Povo levado em captiveiro,  
Como os sécs, como o exílio!

Vêde o que foi, e vêde o que é agora!  
Os Thronos, lirios bellos  
Nascidos e medrando á sombra vasta  
Da Igreja, essa araucaria!

E o solo, em volta e ao longe, perfumado  
Pelos lizes heraldicos,  
D'onde sahia o aroma grato aos povos...  
O aroma do Heroismo!

E o Povo—o canavial humilde e tremulo,  
Mas bom, porque era amado;  
Porque as lagrimas d'elle eram o balsamo  
Chamado Sacrificio!

E as crenças, que brotavam aos cardumes  
D'esse chão feracissimo,  
Onde Deus semeava (mão paterna!)  
A Fé e a Caridade!

O Passado! — Jardim de sombra e aromas!  
Cota de cavalleiro,  
E véo de santa e manto de sacrario!  
—Mysterio e heroicidade —

O Passado! o Passado! — A nau gigante,  
Firme, mas socegada,  
Porque a ancora d'ouro que a sustinha  
Chamava-se Virtude!

## VII

E agora... oh! *agora...* esta palavra chora  
Nos labios, quando os fere...  
— Reflexo das grandezas que se somem  
E echo das saudades —

O solo social todo alastrado  
D'estes grandes destroços...  
Um mysterio tristissimo pairando...  
— Sombras entre ruinas —

O Presente disforme e cheio de iras,  
E tremendo o Futuro...  
O sol no occaso... os ventos gemedores...  
E os corações partidos!

## VIII

Quem não te havia amar, Igreja mystica,  
Magdalena do mundo,  
Bella e piedosa em meio dos tormentos,  
Ungindo os pés do Christo?

E quem não ha-de agora dar-te lagrimas,  
Ó triste peccadora,  
Vendo o teu manto de ouro retalhado,  
E marcida a corôa?

Vendo os teus pés na borda já do abysmo,  
E o hymno, o hymno santo,  
Feito um threno de angustias e gemidos  
E abafados soluços ?

E o véo da virgindade agora feito  
E talhado em sudario ?  
E a pompa feita agora sahimento?  
E a cruz cheia de luto ?

Se eu não hei-de chorar!... Foi em teus braços  
Que dormi, ainda infante,  
E, infante, me embalei ao som plangente  
De teus hymnos sagrados !

Tive, criança loura, por brinquedo  
Jasmins d'essa corôa :  
Deram-me sombra aos passos inda tremulos  
Os teus longos cabellos !

E, quando ao seio maternal pendido,  
Uma *Lei* soletrava  
Nos olhos d'ella... eu lia nos seus olhos  
Todo o teu Evangelho !

---

E, balbuciante ainda, me ensaiava  
Dizendo uma palavra,  
Ensinavam-me então os lábios d'ella  
A tua Ave-Maria!

Oh saudades! saudades! Bem entendo,  
Ó vós que estaes chorando,  
O que estaes a chorar — são as saudades  
D'essa immensa poesia!

Eu, filho de outros céos e de outros cultos,  
Bem vos entendo o pranto;  
E alevanto tambem meus olhos, humidos  
D'esta grande tristeza!

Bem vejo como hão-de ir as vossas almas  
Descendo na corrente,  
Que a leva a Ella — e a vós vos vai levando  
Quanto tinheis de santo!

Choro — se hei-de chorar! — porque te vejo  
Tão só, tão abatida,  
E, Rachel! ouço a voz que chama os filhos...  
Mas elles não respondem!

## IX

E vós, Thronos, ó arvores gigantes!  
Dormi, á vossa sombra,  
Das crenças infantis o somno amigo...  
Cobristes-me a innocencia!

Houve um tempo em que o céu d'estes meus olhos  
Era o docel de purpura!  
Em que os brilhantes das corôas regias  
Me pareciam astros!

E, agora, vejo as perolas manchadas!  
E está tudo partido!  
E há uma voz, que brada a tudo isto:  
« Deu a hora; sumi-vos! »

E elles vão — vai-se a arvore gigante...  
Mas as raizes d'ella  
'Stavam fundas, e arrancam, levantando-se,  
Corações gotejantes!

Ó corações fiéis! filhos da honra!  
 Vestaes do fogo santo!  
 Eu bem entendo o vosso sacrificio  
 E o vosso desespero!

Porqué é triste, bem triste essa ruina  
 — Ruina de dez seculos —  
 E vós tinheis alli a vossa vida,  
 E todo o vosso sangue!

X

Paladinos! — espadas de aço buido,  
 Corações de ouro fino! —  
 Que eu vi, em volta de outro Carlos-Magno,  
 Outros Pares-de-França!

Ó lenda de Belleza e de Heroismo,  
 Onde li, ajoelhado,  
 As chronicas e os feitos de outra idade,  
 E soletrei as Glorias!

Ó valentes! tapai as vossas lagrimas  
Com o punho das espadas!  
Cahi, como se cahe sempre na pugna,  
Dando um sorriso á morte!

Venceu-vos, no *torneio*, espectro estranho!  
Cahi... erguendo os olhos  
Á vossa Dama e ao vosso Deus... beijando  
A cruz da antiga crença!

Da trompa de marfim, como Rolando,  
Tirai um som... o ultimo...  
Que desperte as saudades d'esses echos,  
No chão de Roncesvalles!

E, agora, acompanhai o sahimento,  
— Vossos velhos amigos —  
Servi de guarda-d'honra, ó Paladinos,  
E de escolta ao Passado!



## XI

Passado!!— Eu sei dar pranto a estas tristezas,  
A estes restos saudosos  
Do mundo velho. Vós, que estaes chorando,  
São bellas essas dôres!

Porque vós por altar, e fé, e crença,  
E sangue, e vida, e tudo...  
Tinheis tudo nos olhos d'esse *enfermo*...  
E elle está condemnado!

## XII

Nós damos á saudade o que é do tempo...  
E ás cinzas esfriadas  
Dos Avós damos honra e sahimento...  
— O funeral das lagrimas! —

